



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
**FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**  
CURSO DE JORNALISMO

YSABELLA DE MEDEIROS PORTELA

**A CIÊNCIA EM JORNAIS GOIANOS DO SÉCULO XIX: REGISTROS,  
NARRATIVAS E HISTORICIDADES**

GOIÂNIA  
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: Ysabella de Medeiros Portela

Título do trabalho: A ciência em jornais goianos do século XIX: registros, narrativas e historicidades

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Rosana Maria Ribeiro Borges, Professora do Magistério Superior**, em 18/06/2021, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **YSABELLA DE MEDEIROS PORTELA, Discente**, em 24/06/2021, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0),



informando o código verificador **2146084** e o código CRC **D98A4995**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.031389/2021-40

SEI nº 2146084

YSABELLA DE MEDEIROS PORTELA

**A CIÊNCIA EM JORNAIS GOIANOS DO SÉCULO XIX: REGISTROS,  
NARRATIVAS E HISTORICIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Rosana Maria Ribeiro Borges.

Goiânia, junho de 2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Medeiros Portela, Ysabella

A ciência em jornais goianos do século XIX: Registros, Narrativas e Historicidades [manuscrito] / Ysabella de Medeiros Portela. - 2021.

LXXIX, 79 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Rosana Maria Ribeiro Borges.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Jornalismo, Goiânia, 2021.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Goiás newspapers. 2. 19th century. 3. science. 4. press. I. Maria Ribeiro Borges, Rosana, orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dezoito dias do mês de junho de 2021, às 9h, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A ciência em jornais goianos do século XIX: registros, narrativas e historicidades" de autoria de Ysabella de Medeiros Portela, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela profa. Dra. Rosana Maria Ribeiro Borges (FIC/UFG), orientadora, com participação da profa. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (PPGCOM/FIC/UFG) como integrante da Banca Examinadora. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final 10,00 (dez) com louvor, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rosana Maria Ribeiro Borges, Professora do Magistério Superior**, em 18/06/2021, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Usuário Externo**, em 22/06/2021, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2146083** e o código CRC **A46753A7**.

Dedico este trabalho à minha bisavó Maria Bárbara (*in memoriam*). O seu amor vive em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Eu jamais poderia começar meus agradecimentos sem falar aqui sobre meus avós, Maria Helena, José Wilton e Nilma Portela. Minha base, minha força e minha inspiração. Obrigada por tanto amor, pelo acolhimento de sempre e por entenderem tantos momentos de estresse, impaciência e ausência. Sem vocês eu não seria absolutamente nada.

Agradeço ao meu pai, Alessandro Portela, pelo incentivo aos estudos. Me inspiro em você todos os dias. Obrigada por ser tão presente e preocupado com a minha educação. Obrigada por me deixar voar sem amarras. Agradeço à minha mãe, Daniela Braga, pelas memórias afetuosas, por me dar o melhor que pôde e pela reaproximação nos últimos tempos. Agradeço também às minhas tias, Michelle Braga e Imaculada Medeiros, por tanto amor e carinho, eu as amo muito!

De forma muito especial, agradeço à minha orientadora, professora desde o primeiro semestre de curso e amiga, Rosana Borges. Obrigada por confiar e acreditar em mim. Obrigada pela disponibilidade em me ensinar e explicar com toda a paciência do mundo. Eu te admiro muito.

Obrigada aos meus amigos de vida, Marina Nunes, Driele Cunha e Vinicius Paiva. Com vocês eu tenho um porto seguro.

Obrigada à minha querida amiga, Thauany Melo, por esse encontro de almas. Eu te admiro e eu te amo. Minha dupla e a minha melhor companhia para um café. Isso aqui é apenas o começo de uma amizade para a vida inteira.

Obrigada ao professor Juarez Maia por ser um grande amigo e incentivador. Sempre me diverti nas suas aulas e aprendi muito. Obrigada à professora Luciene Dias pela oportunidade de conviver contigo e por mudar meus pensamentos em diversos assuntos. Obrigada à professora Ana Carolina Temer por aceitar fazer parte desta banca.

Obrigada a mim, por não desistir. Obrigada eu mesma por provar que consigo muito e que posso ir além. Quero voar.

## RESUMO

A presente monografia analisa os jornais oitocentistas goianos angulados pelo surgimento da ciência no presente território a partir destes registros jornalísticos. No estudo, há a construção de elementos teóricos, metodológicos e instrumentais a fim de narrar as historicidades do campo científico da época, considerando os contextos histórico, político e sociocultural. Dentre seus objetivos, destacam-se a contextualização histórica do estado de Goiás no século XIX, a análise dos registros jornalísticos, disponibilizados através da Hemeroteca Digital Brasileira e no acervo digitalizado e disponibilizado em PDF do jornal A Matutina Meiapontense pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, o estudo dos registros, historicidades e narrativas acerca do campo científico dentro desses jornais e ser uma referência para a contribuição de novas pesquisas no campo da história do jornalismo goiano bem como na história da ciência goiana. A pesquisa é realizada de forma qualitativa e o método de abordagem é a Análise de Narrativas, realizada com os instrumentos metodológicos de coleta e tratamento dos dados sendo o Levantamento Bibliográfico e a Pesquisa Documental para a busca nos jornais.

**Palavras-chave:** jornais goianos, século XIX, ciência, imprensa

## **Abstract**

This monograph analyzes nineteenth-century newspapers of the state of Goiás, angled by the emergence of science in the present territory from these journalistic records. In the study, there is the construction of theoretical, methodological, and instrumental elements in order to narrate the historicities of the scientific field of the time, considering the historical, political, and sociocultural contexts. Among the objectives, the study highlights the historical contextualization of the state of Goiás in the 19th century, the analysis of journalistic records, made available through Hemeroteca Digital Brasileira, and the digitalized collection made available in the PDF form of the newspaper *A Matutina Meiapontense* by the Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, the study of records, historicities and narratives about the scientific field within these newspapers as reference for the contribution of new research in the field of the history of journalism in Goiás, as well as in the history of science in Goiás. The research is carried out in a qualitative way and the method of approach is the Narrative Analysis, implemented with the methodological instruments of data collection and treatment, using the Bibliographic Survey and Documentary Research for searching in newspapers.

Keywords: Goiás newspapers, 19th century, science, press

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - Primeira página do jornal A Matutina Meyapontense.....</b>	<b>16</b>
<b>Figura 2 - Correio Oficial de Goyaz com página dedicada ao teosinte (milho) .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 3 - Prédio do Gabinete Literário Goiano (2018).....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 4 - Estatuto do Gabinete Literário Goiano (1905).....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 5 - Texto veiculado no jornal A Matutina Meiapontense sobre a Instrução Pública.....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 6 - Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara.....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 7 - Cemitério Público de São Miguel Arcanjo.....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 8 - Uso medicinal de plantas no Correio Oficial de Goyaz.....</b>	<b>53</b>
<b>Figura 9 - Salubridade Pública no Correio Oficial .....</b>	<b>55</b>
<b>Figura 10 - Resposta do presidente da Província (Augusto Ferreira França) ao Noticiário de Salubridade Pública no Correio Oficial.....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 11 - Secção Científica do periódico O Publicador Goyano em 1883 .....</b>	<b>58</b>
<b>Figura 12 - Continuação da Secção Científica do periódico O Publicador Goyano em 1883 .....</b>	<b>61</b>

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	3
<b>CAPÍTULO 1</b>	11
<b>JORNALISMO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM GOIÁS</b>	11
1.1 JORNAIS COMO LUGARES DE GUARDAR MEMÓRIA	11
1.2 HISTÓRIA DA IMPRENSA GOIANA NO SÉCULO XIX	14
1.3 O POSITIVISMO, A CIÊNCIA NO SÉCULO XIX E A AFIRMAÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO NOS JORNAIS GOIANOS	21
<b>CAPÍTULO 2</b>	28
<b>BIBLIOTECAS E INSTRUÇÃO PÚBLICA: O BERÇO DO CONHECIMENTO NA PROVÍNCIA</b>	28
2.1 A PRIMEIRA BIBLIOTECA DE GOIÁS	28
2.2 GABINETE LITERÁRIO GOIANO	32
2.3 A INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PROVÍNCIA DE GOIÁS	39
2.4 AS ESCOLAS ATRAVÉS DAS PÁGINAS DOS JORNAIS	41
<b>CAPÍTULO 3</b>	46
<b>SAÚDE E CIÊNCIA NOS JORNAIS GOIANOS OITOCENTISTAS</b>	46
3.1 HOSPITAL DE CARIDADE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA - O PRIMEIRO HOSPITAL CIVIL DE GOYAZ	46
3.2 SAÚDE PÚBLICA, HIGIENISMO E CIENTIFICISMO	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	63
<b>REFERÊNCIAS</b>	66

## INTRODUÇÃO

A narrativa histórica de reocupação do estado de Goiás iniciou com o caminho dos bandeirantes no século XVIII. Até então, este território era apenas uma rota de passagem para interiorização de terras ainda não conhecidas no Brasil. A prioridade dos que passavam ali era o mapeamento da região, a captura de mão-de-obra escrava e evangelização das comunidades nativas. Essas terras eram conhecidas por serem habitadas por “gentio bárbaro, em aldeias do reino deles” (BORGES, 2020, p. 2).

Em 13 de janeiro de 1720, o pedido para expedições pelo interior do país em busca de pedras preciosas foi expedido por Bartolomeu Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortize Domingos Rodrigues do Prado. Meses depois, em 14 de junho de 1720, o rei de Portugal D. João V autorizou o adentramento, com a condição de que o governador da Capitania de São Paulo pudesse auxiliá-los. Em troca, o que viera a comandar as tropas, Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido posteriormente como Anhanguera, poderia explorar rios e as terras que descobrisse (BORGES, 2020, p. 2).

A história goiana que se conhece hoje em dia iniciou nesta expedição. Uma história de mapeamento espacial, exploração e captura de indígenas para mão de obra escrava. A ciência, aos moldes dos tempos atuais, não era pensada nessa época, tampouco naquele território do sertão brasileiro, hoje denominado Goiás.

Os primeiros registros científicos sobre Goiás foram efetivados por inúmeros expedicionários estrangeiros. Mas somente a partir de 1830, quase um século depois do início das expedições, é que as atividades impressas começaram a ocorrer na então Província de Goyaz. O campo científico ganhou as páginas dos jornais, apontados por Borges e Barbosa (2020) como lugares de guardar memórias. A *Matutina Meiapontense*, o primeiro jornal do Centro-Oeste brasileiro, originou-se em 5 de março de 1830, em Meia Ponte, hoje atual Pirenópolis. Seu surgimento só foi possível pela chegada da primeira tipografia no território, a *Tipografia D'Oliveira*. De acordo com Borges e Barbosa (2020), o periódico recebeu esse nome por trazer consigo seus ideais liberalistas e iluministas relacionados ao Estado Monárquico-Constitucional, fazendo alusão à “luz que clareia a aurora e anuncia o dia” (BORGES; BARBOSA, 2020, p.177) e também pela sua localização no distrito de Meia Ponte (atual Pirenópolis). Com o tempo, tornou-se o veículo oficial de Meia Ponte, de Goiás

e do Mato Grosso, pois era através deste periódico que a população ficava sabendo sobre legislações, demandas sociais, como as educacionais ou de saúde pública e acontecimentos do cotidiano.

Mais tarde, ainda no século XIX, foi o *Gabinete Literário Goiano* um dos grandes responsáveis pela difusão científica (BRETAS, 1991) sendo a segunda biblioteca pública<sup>1</sup> da província de Goiás, fundada em 1864 e persistindo até os dias atuais. Já no século XX, como ocorreu nas demais regiões do país, a expansão da escolarização, inclusive em nível médio e profissionalizante, juntamente com o ensino superior, também contribuiu para essa disseminação da ciência. Como parte inerente aos processos históricos, a ciência não ocorre isolada da produção social, portanto, pensar sobre a cultura da leitura na época e na dificuldade do acesso ao ensino, auxilia na percepção de que ler e escrever nos anos oitocentistas, principalmente no território brasileiro, constituíam um sinal de ascensão social, sendo destinado à elite.

Essa abordagem em produtos jornalísticos, bem como o estudo desse surgimento científico faz parte de uma soma de temas, de todas as áreas de ensino, que ainda carece de amplas produções. Borges e Lima (2008) afirmam que ainda há ausência de estudos no que tange à história da imprensa em Goiás. Observa-se que a difusão científica está intimamente ligada ao início das atividades impressas, portanto, também demanda atenção como objeto de pesquisa na área da Comunicação, donde emergiu uma das principais questões-problema desta pesquisa monográfica, ou seja, como os primeiros jornais goianos noticiavam a ciência? No ambiente acadêmico, em que tanto se discute sobre o futuro da educação e da ciência, é provocante perceber que as trajetórias percorridas até o atual patamar ainda não tenham sido uma demanda de estudo.

Este trabalho está relacionado a outro projeto de pesquisa, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), que tem como objetivo realizar um estudo sobre o impacto social, cultural e econômico das pesquisas incentivadas pela mesma instituição em Goiás e de que forma a ciência, a tecnologia

---

<sup>1</sup> Em Meia Ponte, hoje atual Pirenópolis, surgiu a primeira biblioteca pública; o primeiro professor público de boas letras, para o ensino de leitura; o primeiro jornal do Centro-Oeste e o primeiro do Brasil a ser editado fora de uma capital, o *Matutina Meiapontense*, que servia também como correio oficial para a Província de Goiás e de Mato Grosso; o primeiro cinema, o *Cine-Pireneus*; e três teatros na virada do século XIX para o XX. Com tudo isso, ganhou a fama de Berço da Cultura Goiana. Informações do Portal do Turismo de Pirenópolis, na aba Cultura>História, disponível em <https://pirenopolis.tur.br/cultura/historia#:~:text=Piren%C3%B3polis%20foi%20fundada%20em%2007,sofreu%20a%20decad%C3%A2ncia%20em%201800>. Acesso em 28 de maio 2021.

e a inovação podem ser popularizadas na sociedade; intitulado *O impacto social, cultural e econômico das pesquisas fomentadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) na sociedade goiana: memórias, perfis e propostas para a popularização da ciência, da tecnologia e da inovação*, no qual a autora atua como bolsista participante em várias atividades, tais como série videográfica, produção de podcast e elaboração do livro “História da Ciência Goiana: Fapeg 15 anos”. De forma especial, como um livro sendo fruto de tal projeto, o capítulo “As primeiras atividades científicas goianas no século XIX”, escrito pela mesma, inspirou a elaboração desta monografia, já que está correlacionado ao tema da mesma. Este estudo também integra também o conjunto de pesquisas do Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)<sup>2</sup> e certificado pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

O objetivo geral desta pesquisa é construir elementos teóricos, metodológicos e instrumentais, a fim de investigar os registros, narrativas e historicidades de jornais goianos do século XIX em relação ao campo científico. Nesta construção, elenca-se a contextualização histórica do estado de Goiás no século XIX, para que assim seja ilustrado o momento histórico, político e sociocultural do território quando se registra as primeiras instituições científicas do mesmo; a análise de registros jornalísticos acerca do tema em periódicos goianos que estão disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira e no acervo digitalizado e disponibilizado em PDF do jornal *A Matutina Meiapontense* pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – Governo do Estado de Goiás; o estudo dos registros, historicidades e narrativas de divulgação do campo científico em Goiás, a partir de tais jornais; além disso, contribuir com o alargamento de olhares sobre a história da ciência goiana e com as pesquisas no campo da história do jornalismo goiano.

Estudar periódicos, além de ser um profundo mergulho no contexto histórico e político da época analisada, é uma fonte cultural recheada de memórias. Sobre a importância dos registros jornalísticos, Borges e Barbosa (2020) dizem “[...] os conteúdos dos veículos de jornalismo são produzidos em tempos e períodos referenciados histórica, cultural e socialmente, traduzindo-se em registros documentais que perenizam narrativas e discursos dotados de memórias” (BORGES;

---

<sup>2</sup> Link do site do CNPq com o espelho do Grupo: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/514638>

BARBOSA, 2020, p. 174). Desta forma, uma pesquisa tendo como tema central o surgimento científico na província de Goiás, desenhada por meio das narrativas dos jornais torna-se extremamente relevante, sobretudo pela carência de estudos temáticos nesse contexto.

O campo da historiografia da imprensa goiana e da própria ciência ainda estão em construção, pois carecem de estudos e pesquisas, em virtude da ausência ou escassez de obras que abordam esses conhecimentos científicos. A oportunidade de pesquisar em periódicos, apresenta uma riquíssima fonte de investigação, não apenas no campo educacional, mas também no social, cultural e historiográfico. São quase 200 anos de produção jornalística em Goiás que registram memórias, existências e mudanças no decorrer dos tempos contendo reinvenções de estilos e concepções. Recorrer aos periódicos da época é uma forma privilegiada de acessar o cotidiano do período eleito que, alinhando a uma base teórico-metodológica, possibilita o conhecimento de particularidades do território goiano oitocentista.

Essa abordagem a partir dos periódicos se faz necessária, tanto para a investigação do início das atividades científicas em Goiás, como no auxílio do entendimento processual didático e científico goiano. Acerca do uso da imprensa como objeto de estudo, Cruz e Peixoto (2007) afirmam que por muitas vezes esta é apresentada como fonte subsidiária ou secundária “A história da imprensa e dos meios de comunicação apresenta-se como momento derivado e paralelo, quando não, meramente acessório da grande história política ou social de nosso tempo” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257). Aqui, a proposta é a de ter os periódicos como o centro da pesquisa sobre a história da ciência goiana, contribuindo dessa forma para o campo historiográfico científico e buscando entender as peculiaridades do tempo/espaço no qual está inserido. Esse cuidado com o objeto de pesquisa é necessário para não encarar os periódicos como um espelho da sociedade oitocentista goiana, justificando assim também a necessidade e relevância em apresentar e traçar um perfil desses jornais abordados, para que se compreenda sua inserção e organização social e política daquele momento histórico.

Os periódicos analisados estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional<sup>3</sup>. No site, o primeiro jornal disponível no século XIX em Goiás é o Correio Oficial de Goyaz (1837). Porém, no acervo da Hemeroteca constam outros

---

<sup>3</sup> Site disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 12 mar. 2021.

17 periódicos goianos, sendo que muitos vinculam-se à produção jornalística oitocentista. Para a filtragem de dados, foram usadas palavras chaves relacionadas ao assunto, educação, ciência, saúde, livro, biblioteca e entre outras. Além disso, recorreu-se também ao acervo digitalizado e disponibilizado em PDF do jornal *A Matutina Meiapontense*, especificamente no que concerne à temática da ciência, das escolas de primeiras letras e iniciativas de fomento das bibliotecas goianas ainda na primeira metade do século XIX. Para a realização da busca por palavras chaves, o PDF do jornal *A Matutina Meiapontense* foi convertido em OCR pela autora da monografia, pois este acervo é composto por 526 edições do jornal, o que tornaria impossível a efetivação da pesquisa sem esse mecanismo de rastreamento de conteúdo a partir de categorias ligadas ao objeto do estudo.

No decorrer desta monografia, o território goiano oitocentista foi contextualizado histórica e politicamente, alinhando à análise dos registros jornalísticos na tentativa de narrar os primeiros movimentos científicos da época. Para tanto, o principal corpo teórico desse estudo dialoga com pesquisadores do campo dos Estudos Históricos Culturais que analisam a historiografia e a memória, tal como Halbwachs (1990); Bretas (1990) em seus estudos sobre a Instrução Pública de Goiás e percepções sobre o cotidiano e relações dos goianos no século XIX; bem como com estudiosas do campo da história da imprensa brasileira e goiana, a exemplo de Barbosa (2020) e Borges (2020).

Este estudo foi alicerçado na pesquisa qualitativa, numa compreensão de que essa abordagem auxiliaria na construção narrativa acerca do modo como os jornais goianos do século XIX registraram o surgimento da ciência e suas historicidades envolvidas. Para Godoy (1995), a “abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 21), assim, partindo pela pesquisa documental (jornais) a autora ainda afirma:

[...] os documentos constituem uma fonte não-reativa, as informações neles contidas permanecem as mesmas após longos períodos de tempo. Podem ser considerados uma fonte natural de informações à medida que, por terem origem num determinado contexto histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse mesmo contexto. Não há, portanto, o perigo de alteração no comportamento dos sujeitos sob investigação. A pesquisa documental é também apropriada quando queremos estudar longos períodos

de tempo, buscando identificar uma ou mais tendências no comportamento de um fenômeno (GODOY, 1995, p. 22)

O método de abordagem foi a análise de narrativas, compreendida como sendo o procedimento mais adequado para conseguir contextualizar o objeto de pesquisa (a ciência nos jornais goianos oitocentistas) em um determinado tempo/espaço (território goiano no século XIX). Acerca da análise de narrativas, Bastos e Biar (2015) compreendem que ao analisar as narrativas do passado, é possível sobrevivê-lo através dos documentos deixados a partir de uma construção ativa e não de descobertas:

[...] Os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade; que o conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única. (BASTOS; BIAR, 2015, p. 101)

Esse leque de abordagens - sociais, culturais e políticas - fundamentam a Análise de Narrativa a partir do momento em que existe uma reflexão acerca do objeto de estudo, incluindo uma inter-relação entre essas interpretações. Essa análise se faz importante pela observação das falas em diferentes espaços/tempo. Motta *et al* (2004) afirma que ao analisar as narrativas presentes em um jornal, é preciso que o pesquisador tenha um trabalho contínuo, pois “[...] não é uma única e isolada notícia onde encontraremos uma narrativa a contar uma história, mas num conjunto delas sobre o mesmo assunto, no contínuo acompanhamento de fatos que se sucedem” (MOTTA *et al*, 2004, p.36), possibilitando, portanto, identificar e interpretar diferentes signos nesta abordagem.

Os instrumentos de coleta, sistematização e análise dos dados utilizados foram o levantamento bibliográfico e a pesquisa documental. O primeiro é um aparato para reunir informações acerca do tema estudado que também fornece um suporte essencial para a pesquisa. No que diz respeito à importância da pesquisa bibliográfica, Cartoni (2009) pontua que esse instrumento “[...] procura analisar e conhecer as contribuições culturais ou científicas existentes sobre um determinado assunto, explicando um problema a partir desse levantamento” (CARTONI, 2009, p. 29). Dessa forma, apesar deste trabalho contemplar um tema pouco estudado ainda, os materiais já existentes contribuíram com o pontapé da pesquisa.

Já a pesquisa documental foi uma das bases desta monografia. Os jornais oitocentistas goianos são materiais brutos, sem qualquer análise crítica angulada pelo tema dessa pesquisa, ou seja, os registros, narrativas e historicidades da ciência em Goiás. Neste caso, de acordo com Fontelles *et al* (2009), a presente pesquisa documental se enquadra em uma fonte primária “[...] cuja origem remonta à época que se está pesquisando, ainda não analisadas e que, frequentemente, foram produzidas pelas próprias pessoas estudadas” (FONTELLES *et al*, 2009, p. 7).

No acervo do Jornal *A Matutina Meiapontense*, a pesquisa documental foi realizada a partir do “control find”, o atalho de teclado (Ctrl+F), possibilitando a busca de palavras-chave relacionadas à “ciência”, “biblioteca”, “livro”, “escola”, “estudante” e “professores”. Conforme foi mencionado, para que isso pudesse ocorrer foi realizada a conversão dos acervos do periódico de PDF com imagem digitalizada para OCR. Em contrapartida, a busca no site da Hemeroteca Brasileira foi mais simples, pois o sistema de arquivamento dos periódicos disponibilizados permite ao usuário a procura por palavras chave.

A pesquisa empreendida está exposta nesta monografia em três capítulos. No Capítulo 1 será abordado o surgimento da Imprensa Goiana e o contexto histórico político de seu nascimento, bem como a importância dessas fontes para a preservação da memória goiana. No Capítulo 2 a abordagem consiste no ensino científico da época através do surgimento das bibliotecas e das leis de instrução pública. No Capítulo 3 o tema central é a saúde nos periódicos, analisando o que era abordado e a forma como esses assuntos eram traduzidos para as páginas dos jornais. A dedicação de um capítulo inteiro para este tema se dá pelo fato de que a ciência, objeto central deste estudo, era repercutida mais vezes nos jornais e assim percebida do que outras categorias do conhecimento, como as bibliotecas ou escolas, pois o acesso ao ensino formal era totalmente restrito. Além disso, vale lembrar que os poucos livros em circulação no país, sobretudo no território goiano, eram impressos no exterior. Entretanto, o conhecimento leigo, aquele transmitido por gerações e presente no “boca a boca”, esteve no cotidiano, dessa forma, a saúde, assunto inerente ao ser humano, era falado e compartilhado entre as pessoas comuns e pelos detentores do conhecimento.

Desse modo, espera-se contribuir com o alargamento de olhares e análises sobre a história da ciência goiana a partir do que foi noticiado nos jornais oitocentistas, privilegiando-se algumas categorias pelas quais perpassa a discussão científica, quais

sejam: o jornalismo; as bibliotecas; as leis de instrução pública que fomentaram as escolas de primeiras letras, liceus e academias e a própria saúde pública, face donde a ciência talvez mais se afirme.

## **CAPÍTULO 1**

### **JORNALISMO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM GOIÁS**

Neste capítulo será abordado as relações existentes entre o jornalismo, a história e a memória no território goiano. Para a investigação central desta pesquisa, a busca pelo surgimento da ciência nas páginas dos jornais de Goiás no século XIX, é essencial que haja a compreensão de quem escreve os periódicos e quem os lê. É abordado também sobre o conceito de memória e a forma como os jornais se consagram como lugares de guardá-las. Além do mais, é imprescindível a abordagem do positivismo e a forma como sua influência na sociedade ajuda na construção da imprensa goiana.

#### **1.1 JORNAIS COMO LUGARES DE GUARDAR MEMÓRIA**

A historiografia, assim como vários outros termos no campo das Humanidades, não apresenta um único conceito para sua definição. De forma geral e essencial, a historiografia pode ser compreendida como a “escrita da História”. De acordo com Cordeiro (2015) a historiografia “Em sua concepção mais corrente, remete ao produto final do ofício do historiador, podendo ainda ser entendida como conjunto de obras históricas produzidas por historiadores ao longo do tempo” (CORDEIRO, 2015, p. 1). Indo de encontro a essa definição de historiografia, Marcilio (2013) afirma que a História, conhecida hoje como uma disciplina, só é chamada como é, a partir do século XIX:

Foram os historiadores desse período os responsáveis por esboçar os limites do campo histórico, estabelecendo os primeiros tratados sobre como a metodologia da História deveria se organizar para que se encaixasse nos padrões tidos como científicos. Dessa maneira, a História se libertou do jugo da literatura e da filosofia e passou a se transformar em um ofício, uma atividade profissional cuja função é reconstituir os fatos do passado por meio de um método racional. (MARCILIO, 2013, p.45)

Na mesma linha de pensamento, a memória, importante artifício no trabalho do historiador, pode ser compreendida através de duas perspectivas: memória individual e memória coletiva. De acordo com Halbwachs (1990), as “lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós

vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Ou seja, a memória individual não é exclusivamente singular. Ela é uma coleção de lembranças formadas em conjunto em determinado grupo, mas que se converge em uma percepção particular do indivíduo. Por mais que essa memória individual não esteja relacionada à outras pessoas, ela está inserida em um contexto social, seja por sua linguagem, sons, cheiros, lugares; elementos esses que não são individuais. Já a memória coletiva, é uma lembrança compartilhada entre outras pessoas em um espaço-tempo comum deste grupo específico.

A memória se constitui como uma importante fonte histórica, sobretudo por ser compreendida como a representação de determinado tempo-espaço. Ao refletir sobre a História resumida aos fatos, Halbwachs (1990) afirma: “[...] é o epitáfio dos acontecimentos de outrora, tão curto, geral e pobre de sentido como a maioria das inscrições que lemos sobre os túmulos. É que a história, com efeito, assemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas” (HALBWACHS, 1990, p. 55). Para o autor, sem a participação de memórias, os acontecimentos históricos ficam incompletos, sendo apenas mais um amontoado de ações que ficaram no passado, exigindo relatos de vivência pessoal.

Consolidando a memória como uma fonte histórica, cabe aqui uma reflexão acerca dos “espaços de guardar memória” na sociedade. A memória também se constitui em locais políticos e/ou comunicacionais. De forma específica, os jornais são importantes universos em que narrativas do cotidiano de um determinado espaço-tempo são produzidas. Para Barbosa (2004), a escrita da história da imprensa ancora-se neste imaginário. A historiografia se torna uma ótima oportunidade para reflexões e análises, principalmente dos silêncios presentes. É importante que o historiador consiga enxergar o passado como um lugar inspirador no sentido da busca por fontes e que isso possibilite um diálogo com o presente.

A história da imprensa também conta a história do Brasil e, “[...] falar em história da imprensa é, portanto, se reportar ao que se produziu, de que forma e como se produziu, para quem se produziu e que consequências trouxe essa produção para a sociedade” (BARBOSA, 2004, p. 4). Ao se tratar de memória e o fazer histórico, vale a reflexão de Barbosa (2004) acerca das pesquisas no campo:

Há múltiplas formas de fazer história e há variadas maneiras de se debruçar sobre o passado: ou se acredita que os fatos do passado de fato ocorreram daquela forma e que fazer história é trazer o passado para o presente, tal

como ele se deu; ou se acredita que o passado está irremediavelmente perdido nas fimbrias de seu próprio tempo e o que fazemos hoje, ao nos referir ao passado, é mera interpretação baseada em nossas memórias, vivências, expectativas, posições políticas. Ou seja, falando do passado como uma espécie de pretexto para se referir sobretudo ao presente (BARBOSA, 2004, p. 3)

Dessa maneira, é possível que se olhe ao passado como um lugar em que se pode caminhar por um imaginário repleto de fontes e personagens no qual possa suprir as necessidades de estudos o “hoje”. Todavia, “amanhã” essa definição pode mudar, pois a escrita da História, em comunhão com a imprensa, faz parte de um processo em constante mutação.

Neste sentido, o jornalismo, em sua relação com a sociedade, além do seu papel noticioso, estabelece importantes funções historiográficas. De forma conceitual, o “jornalismo é uma prática social que estabelece relações com o universo material e simbólico dos indivíduos e dos grupos sociais, cuja maior centralidade está tanto no tempo presente, quanto na memória” (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 185). Não se pode negar o papel fundamental do jornalismo ao registrar fatos, mesmo que passíveis de influências de seu escritor e público-alvo. Essas interferências reforçam a importância do estudo da História da imprensa, pela necessidade de análise dos seus braços individuais e coletivos pois, ainda de acordo com as autoras, mesmo a memória podendo ser considerada a fonte mais rica de histórias, ela “[...] não possui rigidez ou cimento, sendo passível de incrementos, alterações e até mesmo efemeridades” (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 185). A percepção do processo comunicacional, considerando os grupos sociais envolvidos, o momento histórico, as decisões políticas e assim, a produção de sentidos, compreendem em uma dimensão maior acerca de uma sociedade em um determinado espaço/tempo.

Ainda, para as autoras, o fazer jornalístico, bem como seu produto, o próprio jornal, ao ser um meio de registros de fatos, cumpre o papel de ser um depositário de memória. Entretanto, as autoras chamam a atenção para um ponto fundamental: “[...] os jornais são instâncias que registram e significam memórias, ao mesmo tempo em que também podem silenciá-las” (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 185), ou seja, os periódicos constroem narrativas de acordo com interesses socioculturais e geram registros de memória de determinado tempo presente, podendo também escriturar silenciamentos.

Um exemplo disso pode ser ilustrado na própria história do conhecimento científico, uma vez que os primeiros cientistas sofreram perseguições que chegaram até a os condenar à morte, queimando-os em fogueira pela “Santa Inquisição” em dois momentos da História, nos séculos XIII e XIV (era medieval) e na Inquisição moderna, em Portugal e Espanha, entre os séculos XV e XIX, nos quais também queimava livros e outros impressos que eram considerados um acinte à ordem social vigente, além disso, havia também o confisco de bens em alguns casos, o que gerou um retorno financeiro para a Igreja Católica. No campo científico, o grande contraponto com o pensamento religioso que se fundia ao próprio Estado, adveio do Positivismo que, em linhas gerais, afirmava o uso da razão, da observação, da experimentação, da comparação e de leis efetivas como instrumentos científicos para se chegar na verdade (Faustino; Gasparin, 2001).

Ao final do século XIX, também é possível observar as marcas positivistas nos jornais brasileiros ao analisar o fazer jornalístico. Conforme afirma Medina (2008) a “[...] noção do real e a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom afirmativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação de fatos determinados” (MEDINA, 2008, p. 24). Pelos ideais positivistas, a ciência na sociedade se fortaleceu e, através dos periódicos se viu uma oportunidade para a sua difusão.

## **1.2 HISTÓRIA DA IMPRENSA GOIANA NO SÉCULO XIX**

A história da imprensa começa a ser escrita pelo alemão Johann Gensfleisch (1397-1468), mais conhecido como Gutenberg. Além dele aperfeiçoar a prensa, que já era utilizada com outros fins, ele também inventou os tipos móveis, fazendo surgir a tipografia. Gaspar (2004), sobre esse marco na imprensa mundial, afirma que os primeiros documentos impressos eram ligados à Igreja Católica, e que em meados do século XV, Gutenberg iniciou a impressão Bíblia de quarenta e duas linhas. Após, na Idade Média, a expansão da imprensa toma fôlego através do desenvolvimento do comércio, da expansão urbana, do surgimento de indústrias, pelo renascimento, pela urbanização, pela criação das universidades e a formação de uma nova elite intelectual (OLIVEIRA, 2011).

No Brasil, o início da imprensa é compreendido apenas quatro séculos mais tarde, mais especificamente em 1808, exatamente 275 anos depois do início da ocupação territorial da América Portuguesa, em 1532. Esse surgimento tardio pode ser explicado por algumas variáveis, como a colonização estabelecida no Brasil sendo de teor exploratório, a urbanização lenta, bem como também na demora de implementação de centros de estudos.

Oliveira (2011) relaciona esse surgimento com a transformação do Brasil em Reino Unido de Portugal, após a corte portuguesa fugir das tropas de Napoleão Bonaparte, ainda no século XIX e transformando o atual território em sede portuguesa. Ainda, de acordo com o autor, a criação da tipografia oficial proporcionou a veiculação do primeiro jornal na América, o *Gazeta do Rio de Janeiro* e também outras obras populares, mas que também continham um cunho científico. À época, o território centralizado censurava as produções e circulações de impressos. Esse controle permaneceu até a Independência do Brasil, realizada apenas em 1822. De acordo com o autor, essa censura contribuiu para o surgimento do *Correio Braziliense*, um jornal independente e considerado o mais antigo do Brasil, enviado clandestinamente de Londres.

No território goiano, a história da imprensa é desenhada como um recado de oposição ao atual regime político da época:

Sua história reflete a luta dos jornais brasileiros contra a dominação portuguesa, uma vez que o jornalismo nacional nasceu no ardor e clima dos movimentos políticos, diferentemente da Europa, que teve o desenvolvimento do jornalismo alicerçado principalmente nas necessidades mercadológicas do capitalismo comercial e industrial (BORGES; LIMA, 2008, p. 70)

A primeira tipografia chegou no território contrariando a Coroa Real (BORGES; LIMA, 2008) e em 1830 fez surgir o *A Matutina Meyapontense*, o primeiro jornal goiano, editado em 5 de março, em Meia Ponte (atual Pirenópolis).

Figura 1 - Primeira página do jornal A Matutina Meyapontense

N.º 1.º Sexta feira 5 de Março 1830.

## PROVINCIA DE GOYAS

### MATUTINA MEYAPONTENSE

*Subscriva-se para esta Fôlha na Cidade de Curitiba na Loja do Senhor João Fleury de Camargo, na Cidade de Goiás na do Senhor Sargento Mor Manoel Francisco Ferreira, na Villa de S. João d' El-Rei na Typographia do Astro, na Arraijua de Triluvus em casa do Rm.º Senhor Visuador Manoel da Silva Alvares e no Arraijua na Typographia de Oliveira. As Fôlhas, por hora, sahirao as Terças, e Sextas jeiras; o preço da Assinatura 2800 reis por trimestre.*

Inimicum rerum principia parva sunt  
Sed suis progressionibus usa augetur  
Cic. de Fin. lib. v.

PROSPECTO

**A** liberdade da Imprensa não he considerada, como sustentáculo dos Governos bem constituídos, e não, por que offerece meios para a segurança geral; por quanto he esta, que estabelece huma base a segurança, e obrigação do Cidadão; he ella, que faz amar a Justiça, e respeitar as Authoridades, e obedecer as Leis: hum povo instruido, vendo a necessidade da Nação, abraça, e soffre, sem murmurar, os impostos; considera o Governo, como o seu maior bem, e aborrece o homem sedicioso, e turbulento, como o maior inimigo da Sociedade: não entra pois em duvida, que a instrução seja a melhor, e maior Garantia dos Governos Constitucionaes.

Partem nestes principios, e persuadido, que os Periodicos tem concorrido, em grande parte, para se espalharem as luzes entre o povo, empreheidi a ardua em presa de redigir o Periodico MATUTINA MEYAPONTENSE, que terá em vista o seguinte

Integra dos Decretos e Resoluçoens da Assembléa Geral.

Decretos, Provisões, e Avisos lançados no Diario Fluminense, que forem applicaveis a esta Provincia.

Hum extracto das Sessãoens de ambas as Casas Legislativas.

Além dos Discursos dos Senhores Senadores, e Deputados.

Noticias Nacionaes, e Estrangeiras colhidas dos Periodicos.

Recebem-se todas as Correspondencias, vindo em as formalidades legais, e se guardará hum segredo, quando assim o exigiao; promette-se porem de não se aceitar correspondencias, que não se compadeçerem com a decencia, e que deve apparecer nos escriptos de huma folha, que se vem por fim a Felicidade da Patria na identificação de todos os Brasileiros com a Constituição, eo IMPERADOR.

Talves pareça mais que audacia, o pertender eu offerecer aos meos Patrioticos Goianos, hum Periodico, em hum Arraijua, se bem que o mais populoso da Provincia, falto todavia de communicaçoes, por estar situado fora da Estrada geral, e distante de Goyas 26 legoas, para onde unicamente tem hum Correo mensal: talvez haja mesmo quem diga, que a empresa he superior as minhas forças e que não cabe lei atarefa que me impuz; eu concedo quanto e he mesmo porque reconheço a pobreza dos meos talentos, que nenhum outro nome mepareceo tão analogo a este Periodico, como o de Matutina: cuja luz muito pouco clara, mas como não se he node negar ser a Precursora do Dia. creio que assim mesmo hirci dissipando as trevas, ate que Espiritos illuminados queirão espalhar suas luzes. Possuo pois de hum verdadeiro Patriotismo, so tendo em vista o bem ser da Nação, e soccorrido pelas sabias doutrinas da Aurora, Astro, Pharol, e outros mais Periodicos verdadeiramente amigos do IMPERADOR, e do Brasil estimo satisfazer o que tenho emprehendido.

ARTIGOS DE OFFICIO

Primeira Sessão Preparatoria

Aos vinte e nove dias do mez de Novembro de mil oito centos, e vinte e nove, oitavo da Independencia, e do Imperio, pelas nove horas da manhã, nesta Cidade de Goiaz, em o Paço destinado para as Sessãoens do Conselho Geral da Provincia, reunidos os Srs. Conselheiros da mesma Provincia, nomeados para servirem, durante o tempo da segunda Legislatura, e verificando-se o numero sufficiente para haver Sessão na forma da Constituição, Artigo setenta e oito e da Carta de Lei de vinte e sete de Agosto de mil oito centos e vinte e oito, nomeado de... si por aclamação, para Presiden-

Fonte: Jornal A Matutina Meiapontense, 5 de março de 1830, página 14

Também existiam jornais opinativos menores, surgindo ainda no século XIX e resistindo até o século XX, nos mais diferentes contextos como política, humor ou literatura; Como exemplos tem-se O Enfermeiro dos Doidos, ao Povo, Os Dois Compadres Liberais, O Velho Casamenteiro, O Médico dos Malucos, O Minhoca-Verdadeiro Filho da Terra, O Grito da Pátria Contra os Anarquistas, O Carpinteiro José, O Pai José, Teatrinho do Senhor Severo, O Homem de Cor, O Mulato, O Brasileiro Pardo, O Cabrito, O Crioulinho, O Meia-Cara, O Burro Magro, A Loja do

<sup>4</sup> Acervo digitalizado e disponibilizado em PDF do jornal A Matutina Meiapontense pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – Governo do Estado de Goiás

Belchior, A Mineira no Rio de Janeiro, O Par de Tetas, A Trombeta dos Farroupilhas, A Sentinela da Liberdade, O Soldado Aflito, O Grito dos Oprimidos, entre outros. Ainda de acordo com as autoras Borges e Lima (2008), nem todos os jornais tinham esse cunho político, mas caminhavam também por conteúdos mais amenos, superficiais e/ou literários. O primeiro jornal goiano emergiu em um período tenso para Goiás:

Neste período histórico, Goiás encontrava-se numa delicada situação econômica, política e social, tendo em vista o esgotamento das jazidas de ouro, o isolamento geográfico e a inexpressividade econômica e política, constituindo-se, aos olhos do imperador, num peso ao orçamento do Império (BORGES; LIMA, 2008, p. 71).

E, 1829, essa situação levou o Ministério do Império a negar uma tipografia para a Província goiana. Porém, o comendador Joaquim Alves de Oliveira, homem bastante rico na região, decidiu adquirir uma com seus próprios recursos possibilitando que no ano seguinte (1830) pudesse *A Matutina Meyapontense* ser publicado:

O Matutina Meyapontense surgia no momento em que o ideário republicano e liberal se espalhava pelo País. Num estudo mais aprofundado do jornal, percebe-se claramente este ideário, que buscava registrar anseios e sentimentos trazidos pelo sonho de um tardio iluminismo que somente a República seria capaz de contemplar (BORGES; LIMA, 2008, p. 71).

Todavia, durante os seus quatro anos de circulação, o jornal *A Matutina Meiapontense* defendeu o constitucionalismo monárquico, não chegando a, efetivamente, entrar no debate que defendia a República como forma de organização do governo (BORGES; BARBOSA, 2020).

A partir de uma síntese de Teles (1989) Borges e Lima (2008) pontuam que a consolidação da imprensa goiana pode ser definida em cinco marcos, sendo o primeiro entre os anos 1830-1834, com o surgimento do periódico *A Matutina Meiapontense*, refletindo assim a luta contra a dominação portuguesa e alicerçado nos ideais iluministas e positivistas. O jornal surgiu a partir de investimentos financeiros particulares, pois em decorrência da crise do ouro na província, o território goiano era visto como um peso no orçamento do Império e, por mais que houvesse o pedido via ofício para o Império de uma tipografia na Vila Boa (atual capital na época), a resposta foi negativa, sendo necessário então a aparição de um dos mais importantes personagens no surgimento da imprensa goiana, o comendador Joaquim Alves de

Oliveira. Ele foi o responsável pela aquisição da primeira tipografia da Província e, conseqüentemente, pelo primeiro jornal (*A Matutina Meiapontense*).

O segundo momento, compreende entre os anos de 1834 – 1890, marcado pelo fim da *A Matutina Meiapontense* e o surgimento do *Correio Oficial de Goiás* (1837) e outros periódicos oitocentistas (mais de trinta estavam em circulação). O *Correio Oficial* foi criado a partir de Lei Provincial, a qual instituía o periódico como o veículo de comunicação do Governo vigente, ofertando também o orçamento para a sua manutenção (BORGES; LIMA, 2008). Primeiramente, ele foi comandado pelo tenente Mariano Teixeira dos Santos, o mesmo tipógrafo da *A Matutina Meiapontense*; posteriormente, a Igreja Católica o comandava, sendo respondido pelo monsenhor Joaquim Vicente de Araújo. Essa consolidação começa a ser escrita pelo fato de que no final do século XIX, concomitante ao encerramento do *Correio Oficial de Goiás*, muitos jornais circulavam pelo território, tecendo um tom de oposição com “ideários republicanos e liberais e duras críticas ao governo (BORGES; LIMA, 2008, p. 74).

Conforme indica um estudo de Borges e Barbosa (2021) que está em fase de finalização<sup>5</sup>, depois do *A Matutina Meiapontense*, no século XIX, 58 periódicos circularam em Goiás, sendo 55 jornais e 3 revistas, sendo que a maioria ficou concentrada na Cidade de Goiás, antiga capital, com maior incidência nas duas últimas décadas em virtude do movimento abolicionista e republicano.

Já o terceiro momento, no final do século XIX, entre os anos 1890 – 1936, houve a Proclamação da República, a expansão da imprensa pelo território goiano, a mudança da capital, saindo da antiga Vila Boa de Goyaz para Goiânia e a fundação da Agência Goiana de Imprensa. Proclamada a República, Goiás mudou seu status de esquecimento e se consolidou de forma mais eficaz como um espaço de debate político, alcançando até mesmo a fundação de um periódico de circulação nacional: *A Informação Goyana*, importante revista fundada pelo jornalista Henrique Silva, em 1917, no Rio de Janeiro, atual capital federal, com o objetivo de alavancar o estado de Goiás e cumprindo o seu papel político-educativo acerca do interior do país:

Pela diversidade de temáticas e postura política, a revista ultrapassou os limites de um periódico informativo, constituindo-se fundamentalmente numa revista de opinião que tentou traçar diretrizes econômicas e políticas para o Estado de Goiás e para o Brasil Central (BORGES; LIMA, 2008, p. 75).

---

<sup>5</sup> Trata-se da pesquisa “História Cultural da Imprensa Goiana no Século XIX”, um dos produtos do estágio pós-doutoral de Rosana Maria Ribeiro Borges que foi supervisionado por Marialva Carlos Barbosa no PPGCOM/ECO/UFRJ.

A Revista se fez importante por conseguir ser um instrumento de conscientização acerca do interior do país, bem como de colocar o Estado como uma alternativa possível para a abertura de discussões fora dos grandes centros urbanos. Ela circulava em Goiás e nos principais estados brasileiros, com uma vida longa (1917-1935) e 213 edições. Já em 1940, Goiás passou por um período de transição:

O estado de Goiás já estava saindo do ostracismo político e econômico e um processo histórico importante desencadeava-se a partir da ruptura de um grupo hegemônico, oriundo dos Bulhões e de que derivariam duas grandes oligarquias: os Caiado e os Ludovico. A partir de então, intelectuais, políticos e até mesmo os jornais dividiram-se em favor de uma ou de outra. (BORGES; LIMA, 2008, p. 77).

Esse período fortalece a imprensa goiana com vários marcos, entre eles, talvez o principal, com a transferência da capital para Goiânia, de modo que dados “[...] históricos registram que, em 1939, cerca de 40 periódicos impressos circulavam em Goiás, sendo 6 jornais e 2 revistas em Goiânia, 5 jornais em Anápolis e 27 jornais em outras cidades do interior do Estado” (BORGES; LIMA, 2008, p. 77).

Tal período, corresponde entre os anos de 1936 – 1945, com a mudança do *Correio Oficial* para Goiânia, atual capital do Estado e, posteriormente a mudança de nome para Diário Oficial de Goiás, a ascensão de Pedro Ludovico Teixeira, a Marcha para o Oeste, idealizada por Getúlio Vargas para a interiorização do país com o objetivo de apoio político através do advento do desenvolvimento, a implementação do Estado Novo e, por conseguinte, o Departamento de Imprensa e Propaganda, com a censura dos veículos de comunicação, os impressos que emergem na nova capital, com ênfase no O Popular, o maior jornal goiano.

O quinto momento, começa a partir de 1945 e se finda em 1964, data do golpe militar brasileiro, com os marcos do fim do Estado Novo, a redemocratização do país, a construção de Brasília para ser a capital federal, a criação das primeiras universidades e faculdades, o reconhecimento oficial da profissão de jornalista através do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Goiás, a criação do curso de Jornalismo da UFG em 1968 e a emergência de jornais, rádios e canais televisivos goianos, apontando aqui o surgimento da Organização Jaime Câmara e, com isso, sua preocupação com a qualidade estética dos produtos jornalísticos, adquirindo assim o caráter empresarial (BORGES; LIMA, 2008). Destaca-se também a criação da Rádio Universitária da UFG em 1962. Para as autoras (BORGES; LIMA, 2008) é

perceptível o símbolo dessa ação, visto que a concessão da Rádio Universitária foi pioneira no Brasil para radiodifusão educativa, abrindo portas assim para outras instituições de ensino superior fazerem o mesmo.

As autoras Borges e Lima (2008) afirmam que a história ainda está se escrevendo e que é possível mais um momento nesta escrita, pois mesmo com a redemocratização no Brasil nos anos 1980, a imprensa goiana ainda sente os impactos do período ditatorial. Sobre essas sequelas, afirmam “a perda da autonomia das empresas jornalísticas frente à dependência direta do financiamento governamental e, ainda, a concentração das publicações na capital, com a anulação da diversidade e da quantidade de publicações espalhadas pelo Estado, modificaram definitivamente o perfil da imprensa goiana” (BORGES; LIMA, 2008, p. 85). Perfil este traçado pelos aspectos opinativos, com embates e reivindicações, mas que sofre constantes transformações e reinvenções para sobreviver em uma sociedade cada vez mais tecnológica e digital.

Assim como a escrita da História da Imprensa permanece em constante movimentação, seu início também esteve em curso com o surgimento da educação formal na província, sendo fundamental o conhecimento acerca da História da Educação Pública em Goiás para compreender a dimensão da Comunicação no estado e, no propósito deste trabalho, a ciência nos jornais goianos, estritamente entrelaçada com o Ensino, iluminada pelos ideais positivistas.

O vínculo da imprensa com a educação no período oitocentista goiano pode ser percebido também pelas práticas de leitura compartilhada e o uso dos periódicos nas aulas, pois na época o acesso a materiais impressos era dificultado. Em uma correspondência de leitor na *A Matutina Meiapontense*, observa-se a leitura realizada pelo professor, mas também como uma forma de inspirar nos alunos o gosto pela prática de leitura “hum certo Professor de Grammatica que faz ler aos seus Discipulos a Matutina para lhes inspirar o gosto da leitura [...]” (PROFESSOR, 1830, p. 3). Embora não há informações explícitas das pessoas que realizavam essas leituras, a não ser neste caso das salas de aula, há a prática da leitura pública, várias vezes ao dia e em voz alta para aqueles não sabiam ler ou que não tinham acesso ao jornal:

Sr. Redactor, nao faça conta do que dizem huns inimigos que-ses, e continue à Instruir-nos com a sua F'olha que é muito estimada em toda a Provincin, e aqui no Arraial eu lhe posso assegurar que he tal interesse que, se toma pela sua lei- tura, que muitos há, que a lêem doze vezes ao dia, para satisfazer a huns, e a outros, ouvindo-se de todos repetidos louvores ao Virtuozo

Cidadao, que nos fez este bem, e ao illustra- do Redactor, que nobremente o desempenha. (CORRESPONDENCIA, 1830, p. 4)

Essa leitura em público, pressupõe-se que os discursos políticos e discussões presentes no *A Matutina Meiapontense* alcançavam também aqueles não letrados, reforçando o papel de instrução através dos periódicos e do interesse pela imprensa. E é justamente a instrução pública e as primeiras bibliotecas goianas o tema do próximo Capítulo, pois ambas podem ser consideradas o berço do conhecimento na antiga Província de Goyaz.

### **1.3 O POSITIVISMO, A CIÊNCIA NO SÉCULO XIX E A AFIRMAÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO NOS JORNAIS GOIANOS**

A definição do que é ciência se complica quando pretende-se estabelecer um único sentido para a mesma. Citando Freire-Maia (1998), Francelin (2004) diz que a dificuldade em se estabelecer um conceito consiste em três pontos: uma definição incompleta, a complexidade do tema e a falta de um acordo entre pesquisadores em uma única interpretação. O conceito de ciência parte do abstrato, mas, de acordo com Francelin (2004), pode ser entendida como um conjunto de ações, baseadas em uma metodologia científica com o objetivo final de conhecimento acerca de alguns assuntos. Essa metodologia pode ser exemplificada com as teorias, leis, modelos e estudos.

Como corrente epistemológica, o Positivismo surgiu no século XIX como uma tentativa para sair de crises sociais decorrentes de intensas revoluções na Europa. Através dessa doutrina é pregado à sociedade a marcha rumo ao progresso contínuo. Segundo Faustino e Gasparin (2001), as transformações sociais da época, especialmente a Revolução Industrial, trouxe início à uma tendência de independência dos dogmas do pensamento religioso, valorizando o pensamento evolucionista e as exibições das leis objetivas:

Através do uso de métodos de investigação, como a observação, experimentação, dedução e comparação, a ciência se apresenta, nesse período, como um instrumento capaz de desvendar, explicar e resolver os problemas enfrentados pela humanidade. Para tanto, fazia-se necessário descobrir, através de pressupostos científicos, as leis ou postulados que regiam o mundo, para que a realidade pudesse se tornar inteligível (FAUSTINO; GASPARIN, 2001, p. 158).

Portanto, é possível afirmar que a perspectiva positivista embalou a afirmação do campo científico, sendo que, conforme se verá ao longo do presente estudo, tais debates, presentes no seio das sociedades oitocentistas, também desembocaram nos conteúdos e narrativas jornalísticas, inclusive em Goiás. Noutros termos, as primeiras discussões sobre a ciência goiana, em muitos aspectos, estiveram relacionadas ao Positivismo, ao mesmo tempo em que foram propagadas por agrupamentos sociais que tinham interesse na laicidade do Estado, a exemplo dos maçons.

Alinhado ao pensamento Positivista, a maçonaria teve um papel importante frente à ciência no século XIX. Tanto positivistas, quanto maçons, além dos interesses em formas de governo mais laicas e distantes das monarquias, já pensavam em construções sociais diferentes das experimentadas até então. Um exemplo disso pode ser visualizado na defesa de um sistema de ensino experimental, com um caráter mais técnico, capaz de deixar de lado os valores religiosos em prol do progresso:

Os maçons utilizaram-se da imprensa, da política parlamentar, das associações e clubes literários ou filantrópicos sob sua influência para combater os privilégios do catolicismo no País. Outro espaço privilegiado da atuação maçônica na sua luta contra a Igreja e os jesuítas foi no campo educacional. Assim, quando se tratava de educação, defendia o ensino laico em contraposição à obrigatoriedade do ensino religioso [...] (COLUSSI, 2000, p. 47)

Ainda no século XIX, a maçonaria consolidou como uma das principais vozes que iam de embate ao ensino clerical, utilizando da imprensa e política para o alcance dos seus objetivos, tal como se observou no Brasil e em Goiás. No território goiano, sobretudo pelos já existentes pensamentos iluministas e liberais, os ideais maçônicos e iluministas de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” puderam ser aceitos. O posicionamento da Maçonaria quanto a educação era para que o ensino pudesse ser proveitoso para o jovem que adquirisse conhecimento, para sair da “sombra da ignorância”, bem como ser útil na sociedade, assim “[...] tinham presente a ideia de que as crianças que frequentassem a escola desenvolveriam uma "cultura moral" (AMARAL, 2000, p. 14) que as livraria da ociosidade e dos perigos a ela relacionados”, assim, caminhando a sociedade para a tão anunciada sociedade baseada na “ordem” e no “progresso”. Ainda segundo o autor, outra perspectiva da influência positivista na Maçonaria pode ser visualizada por meio dos textos publicados pelos maçons, cuja escrita

têm como característica - até nos dias atuais - o uso de um vocabulário recheado de palavras fortes, carregadas de traços doutrinários e retóricos. Ao lê-los, temos a impressão de que estamos diante de um discurso cuja intenção maior é o convencimento de seu valor "em prol da humanidade". Inspirados nos autores positivistas, tinham por objetivo conquistar os leitores ou ouvintes "pelo coração". Tamanha capacidade de argumentação justifica a facilidade com que conseguiam, na época, angariar fundos para causas coletivas, como a educação, a saúde e a proteção aos desvalidos da sorte (órfãos, indigentes, etc.) (AMARAL, 2000, p. 7)

Dessa forma, os ideais de distanciamento da doutrinação cristã, da valorização da educação, do respeito à hierarquia social, bem como o progresso, são o alicerce entre os Maçons e da corrente do Positivismo.

De acordo com Magalhães (2017), na intenção de promover o sertão goiano para estar em sintonia com os projetos do Brasil na época, em relação sobretudo a hábitos, o doutor Francisco de Azeredo, com sua trajetória de "clínico, médico sanitaria na Guerra do Paraguai, inspetor de saúde, professor do Liceu, membro e diretor do *Gabinete Literário Goiano*, diretor do Teatro São Joaquim e intelectual incentivador da cultura local" (MAGALHÃES, 2017, p. 3). Sendo assim, possuía a missão de progresso nas terras goianas, através de projetos sanitários, culturais e educacionais, com forte influência positivista:

[...] o positivismo proporcionou-lhes um 'método', fez desses cientistas 'missionários do progresso', 'sacerdotes' do conhecimento, transformou a ciência no único caminho para se atingir a saúde plena do 'corpo social'. O Positivismo constituiu-se então, na matriz ideológica direcionada ao progresso da nação, respaldando também a ascensão dos médicos à condição de intelectuais, corroborando suas inferências contíguas ao Estado (MAGALHÃES, 2017, p. 13. Grifos no autor).

O Estado, sendo o Poder Público, juntamente com a ciência, era o instrumento para a transformação na sociedade, sendo que o campo científico era entendido como a Medicina. A maioria da população do sertão era basicamente composta por analfabetos e pessoas que viviam nas áreas rurais, ou seja, ficava isolada do resto do país, cabendo ao avanço científico a única alternativa para mudança dessa condição periférica, através do progresso e urbanização.

Através dessa busca pelas transformações urbanas, o advento do Positivismo em terras brasileiras chegou com uma gama de adeptos, porém, sendo manifestado seu interesse de diferentes maneiras conforme cada grupo. O papel do Positivismo, reforçando a ciência, foi visto como um catalisador para a modernidade e civilização, sobretudo para a elite brasileira (MARTINS, 2000). Os conceitos utilizados dentro do

Positivismo de “ordem” e “progresso” são vistos como instrumentos para a transformação social e científica, através da preocupação com os problemas sociais que açoitavam a população e, posteriormente, pela implementação de estudos nas instituições científicas do Brasil Império.

Esses estudos baseados no método científico são defendidos pelos periódicos científicos da época, conforme observa-se em um dos artigos da *Revista Brasileira* (1881). No território goiano, pela influência iluminista e positivista, relaciona-se o mesmo pensamento:

[...] E desta sociedade – que a literatura tem de ocupar-se. O que pode ser ela, pois? Acaso enfermo como nos tempos do romantismo? Não: ela, convalescendo, estuda e observa-se, analisa as causas de seus sofrimentos passados, exige uma ciência positiva, que explique todos os fenômenos da vida. [...] A literatura por seu turno, dará soluções práticas, que influam nos atos e na vida social? A canção popular, o drama – representação da realidade; o romance – estudo psicológico, contribuem para a obra empreendida pela ciência. Esta não estaca diante de nenhum desses fenômenos, que a velha filosofia, com supersticioso respeito, considerava um arcano da providência, que paira soberana mantendo a harmonia e a ordem na criação e na seres. Pela ciência o universo parece recompor-se. [...] O homem torna-se objeto de severas análises. Destas investigações a ciência tira o critério, que a crítica, aplica em suas diversas formas – na história, na poesia, no drama ou no romance. O revolvimento perene, a confusão social, as lutas, as incertezas, tudo provoca a ciência e reaparece na literatura dos povos da Europa e da América, onde levante-se o sol da civilização (CANTOS DO EQUADOR, 1881, p. 308 *apud* MARTINS, 2000, p. 40)

Compreendendo assim a importância do método científico, esse campo ganhou as páginas dos jornais goianos, podendo ser percebido e analisado de diversas formas, a partir dos conteúdos e narrativas. Assim, pode ser identificado pela área educacional, pela saúde e pelo interesse público na agricultura, nas letras e livros como um todo. A influência positivista para o “mundo das ciências” está, sobretudo, na “ciência útil”, dessa forma, aos detentores do conhecimento, era fundamental mostrar à sociedade a aplicabilidade do conhecimento científico no dia a dia (MARTINS, 2017). Vale ressaltar que as ideias positivistas presentes nas páginas dos periódicos apontavam a cientificidade como sinônimo de civilidade. No primeiro jornal goiano que, como dito, circulou entre 1830 e 1834, pode-se visualizar um desses exemplos. Na edição nº 315 do *A Matutina Meiapontense*, que circulou em 1832, logo se percebe a angulação para o Positivismo com o subtítulo do artigo “Instruir os filhos da Pátria, he hum bom serviço que se lhe presta” (PROSPECTO, 1832, p. 3), após, é dito sobre a importância dos estudos, bem como o letramento e educação mediante

assuntos técnicos e científicos para a promoção da “boa moral”, essa sendo a base dos governos liberais. Para isso, é sugerido a publicação de livros (30 volumes no valor de 10 mil réis), constituindo uma espécie de enciclopédia para o ensino da mocidade:

E" geralmente reconhecido quanto he util a educação da mocidade; nad somente promove a boa morul (baze estavel de governos liberaes) como nutrê estímulos, e curiosidade para se entrar nó conhecimento das Sciencias e artes; as quase entre si tem mútuas rellações. Mas para se conseguir semelhante fim he necessatio récorrer à hum methodo elementar, e apropriado, dando aos meninos idéas dellas, por meio de lições simultaneas, e variadas, que os deleite, e instrua, e pelos quaes se espreite na inclinação de cada um. Por estes motivos se pretende publicar os seguintes livrinhos, que formam uma especie de encyclopédia para a mocidade; extraidos dos melhores classicos, e meditação de seu author. Às materias de que tratao sas as seguintes: 1.º Grammatica Portugueza. 2.º Religiaa. 3. Arithmetica. 4. Geografica (como mapas, e particularmente da America ) 5. Methologia. 6. Historia Universal. 7. Historia Antiga. 8. Historia Moderna. 9, Historia da Grecia. 10. Historia de Roma. 11. listoria do Brasil (com seu mappa à maneira de Le Sage) 12. Chronologia. 13. Grammatica Fraceza. 11. Grammatica Inpgleza. 15. Muzica. 16. Geometria. 17. Desenho. 18. Architectura, e Prespectiva. 19. Astronomia. 20. Brazaô. 21. Do Commercio. 22. Medecina. 23. Navegação. 24, Quimica. 25. Agricultura. 26, Mineralogia. 27. Historia Natural, 28, Botanica. 29. Economia Politica, e 30 das outras Sciencias, e Artes em geral particularmente de Phísica, e Rethorica. Esta obra será pois util para um methodo de ensino uniforme, que ainda nao se adoptou no Brasil, e aos Pais de familia; sendo compendios expostos em diálogos, de estilo simples, e claro, ao alcance de serem intelligiveis a mocidade adiado de, contendo os principios das artee, e sciencias de que tratao, a poem ao alcance de se aperfeiçoar naquellas partes para ás quaes tendem as suas inclinações, e entenderem os escriptos dos eruditos; podendo depois recorrer a outras obras mais copiosas, e judiciosa pratica (PROSPECTO, 1832, p. 3-4. Grifos do autor).

Fazendo um balanço entre o que já foi explicitado sobre o Positivismo, a Maçonaria e o trecho acima do periódico *A Matutina Meiapontense*, observa-se a valorização e necessidade do ensino educacional, sendo um sustentáculo do advento do conhecimento científico. Acerca disso, afirma-se:

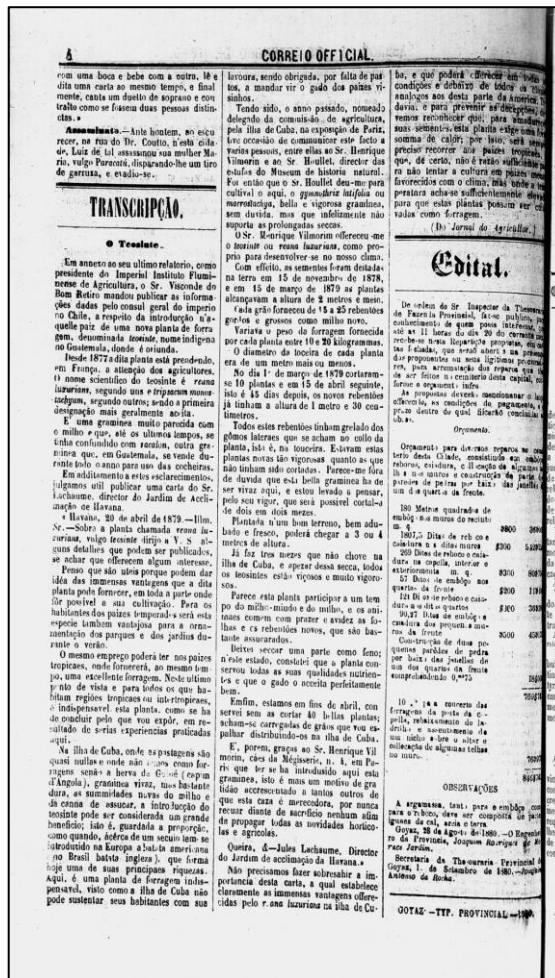
No campo educacional os positivistas e maçons contestavam a prática pedagógica jesuítica, considerada por eles excessivamente humanística, bacharelesca, desvinculada da realidade. Propunham o desenvolvimento de um sistema de ensino baseado no método experimental, de caráter mais técnico, onde houvesse o privilégio da prática sobre a teoria (AMARAL, 2000, p. 13)

Assim exposto, a Maçonaria, juntamente com os ideais positivistas, compreende que a educação formal elevaria a sociedade para um novo status. Este, baseado na ordem e no progresso, enxergaria no caminho do conhecimento científico

a saída para que cada um pudesse exercer na sociedade papeis que fossem vinculados à escolarização e que trouxessem retorno para a população.

O segundo exemplo a ser observado é o da edição nº 69 do *Correio Oficial de Goyaz*, que circulou no ano de 1880, quase final do século XIX. No trecho do jornal, há quase uma página inteira dedicada a um artigo sobre a cultura do teosinte (milho):

Figura 2 - Correio Oficial de Goyaz com página dedicada ao teosinte (milho)



Fonte: Correio Oficial de Goyaz, edição n. 69, 4 set. 1880, p. 04. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No artigo está anexado todo o relatório do cônsul geral do Império do Chile, publicado a mando do presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, Sr. Visconde do Bom Retiro. O estudo era a respeito da introdução de uma nova planta no país, originária da Guatemala e com nome indígena o “teosinte”. O texto é uma carta do diretor do Jardim de Aclimação de Havana (Cuba) na qual é publicada os nomes científicos da planta, bem como a variação de sua espécie e é dito que desde

1877 a planta tem chamado a atenção de agricultores da França. Sobre suas vantagens, é afirmado a ornamentação dos parques e dos jardins durante o verão e a forragem. Mais à frente, é feita uma comparação sobre a importância de estudos assim para a inserção dessas plantas no cotidiano da população, como exemplo é citado a cana de açúcar e a batata inglesa. Como uma alternativa para o gado, que em Havana era necessário ser importado devido à falta de pastos no país, o teosinte era uma alternativa para o desenvolvimento no clima cubano, por isso, é descrito ao decorrer do texto sobre um experimento realizado com suas sementes, bem como seus resultados satisfatórios.

Esse tipo de material presente no jornal reforça a concepção do conhecimento científico para afirmar a necessidade do avanço da ciência, bem como o uso de experimentos, estudos, técnicas de escrita com falas de autoridades para o convencimento acerca do texto. Comumente, esse tipo de abordagem sobre a agricultura se faz muito presente nos jornais goianos oitocentistas.

Acerca da importância da divulgação científica e, neste trabalho, considerando sua publicidade através dos periódicos, Matos (2000) afirma foi através dela (divulgação científica) que a ciência e a tecnologia passaram da esfera de um mundo restrito para o conjunto da sociedade, grupo este que era a elite detentora do conhecimento e saberes, passando assim a fazer parte da cultura e mentalidade das populações, além de criar na elite política e empresários a abertura de diálogo no que tange ao conhecimento científico. Ademais, com essa acessibilidade, era moldado também a opinião para a produção, transferência e aplicação de novas tecnologias.

## CAPÍTULO 2

### BIBLIOTECAS E INSTRUÇÃO PÚBLICA: O BERÇO DO CONHECIMENTO NA PROVÍNCIA

A segunda e terceira década dos anos oitocentistas podem ser consideradas o pontapé do conhecimento científico no território goiano. Nestes anos surgiram aqui a primeira tipografia da província, o primeiro jornal, a primeira biblioteca e a primeira Lei de Instrução Pública Goiana. Neste capítulo será abordada a emergência das primeiras bibliotecas, bem como sua relevância para o surgimento da ciência, o teor dos livros adquiridos e a forma como os jornais noticiavam os assuntos relacionados, em especial, ao *Gabinete Literário Goiano*. Posteriormente, será exposto também os caminhos trilhados pelo conhecimento científico em consequência das leis de instrução, através das publicações nos periódicos e fazendo um diálogo com autores que já abordaram a história da educação em Goiás.

#### 2.1 A PRIMEIRA BIBLIOTECA DE GOIÁS

Concebida por Joaquim Alves de Oliveira, o pai da imprensa goiana, a primeira biblioteca da Província de Goiás nasceu em 03 de maio de 1830. Em registro jornalístico, a *A Matutina Meyapontense*, em 06 de abril de 1830 (Edição nº 10), há o primeiro relato desta biblioteca:

Graças aos Snrs. Meyapontenses, que nesse dia, cheios de hum prazer, que se fazia conhecer no Semblante de todos, concorreram ao Templo, onde ate muitas mulheres se achas vaô; naó houve Tropa, naô se ouvirao Descargas, más nem hum Official Inferior deixou de comparecer espontaneamente, o Clero, os Juizes, o Corpo das Ordenanças, os Cidadoens em geral encherao a espaçosa Matriz, onde tou o Solemne *Te Deum*. Quanto pode em hum povo huma educaçao liberal! Meyaponte sempre se distinguio em toda a Provincia pelo amor da liberdade, e he para protege-la; que ja possui huma Tipographia, e huma Bibliotheca, que breve será Publica. Animo, meos caros Patricios, eh tempo de gozarmos os bens que nos restituiu a Nossa Sagrada Constituiçãõ; Amor, Fidelidade, e Gratidaõ ao Augusto Monarcha, que faz Nossa Felicidade; — Odio, desprezo, e a bandono a os que naô se identificarem com a CONSTITUICAO, o IMPERADOR, e o BRAZIL. (CORRESPONDENCIA, 1830, p. 4. Grifos do autor).

Conforme pode-se perceber, a instituição da Biblioteca foi de importante relevância para a sociedade meiapontense. A proximidade com o ensino trazia ares de civilidade e avanço para essa região interiorana, esquecida na maior parte das

vezes pelo resto do Brasil. Na 18ª edição da *A Matutina Meyapontense*, em 04 de maio de 1830, a empolgação pela instalação da Biblioteca, bem como a notícia de aulas a serem ministradas no local, pode ser percebida no texto:

O Venturoso, e sempre dezejado Dia 3 de Maio, Dia consagrado pela Constituição para a Sessão Imperial de Abertura da Assembleia Geral do Brasil foi magnificamente festejada neste Arrayal, cujos habitantes não perdem occasiao de patentear ao Publico seus nobres sentimentos de fidelidade, e adhesão a Causa da Patria, elles congiegaraú-se no Templo da Matriz, que estava ricamente ornada; hum grande concurso de homens de todas -as Classes, e de Senhoras assestirao ao Solemne *Te Deum*. Anoite houve hum muito mais numeroso Concurso na Caza da Typegaptalia, onde se acha a Bibliotheca, e Desencerrando-se o Augústo Retrato de S. M. Imperador, que estava collocado em hum Throno ricamente oruado, soaraõ os mais enecuços vivas a S. M. I. e, Cantouse o Hino Nacional, e o Sr Comendador Pereira de Souza recitou hum discurso, em que depois desfazer ver, quanto os Meyaponteuses eraõ devedores do Sr. Commendador Oliveira pelo Estebelecimento de huma Typographia, e Bibhotheca neste Arrayal fez publico, que tres eclesiasticos se oflerectao ensinar na mesma Caza da Typographia es Lingoas Latina, e Franceza, e hum Curso de Philophia Racional, e Moral (MEYAPONTE, 1830, p. 3. Grifos do autor).

Os planos para o local já existiam devido ao entusiasmo pela Biblioteca. A euforia pode ser observada pela descrição dos ornamentos da Igreja para a sua abertura; para a solenidade, foram convidados importantes personagens da elite, pressupondo que eram homens detentores do conhecimento ou grandes entusiastas no assunto; logo mais, é dito sobre um evento realizado na Tipografia, ao anoitecer, em que dentre atividades, é destacado o canto do Hino Nacional, realçando o sentimento de nacionalismo. Também é afirmado sobre o ensino das línguas Latina e Francesa, além do curso de Filosofia Racional e Moral.

Alguns dias depois, na edição nº 19, em 07 de maio de 1830, o discurso feito pelo reverendo Manoel Pereira de Souza, homem que o ajudava na edição e redação do jornal, ilustra o objetivo da criação da Biblioteca:

He percizo, que esta caza seja frequentada, façamos aqui huma uniao, escolhamos huma hora em todos os dias, e nos reunamos; aqui conversaremos sobre todos os objetos interessantes: a Religião, a Moral, a Politica, a Historia, tudo, tudo aqui se aprende, e sobre tudo já possuimos bons Livros, e me acho autorizado para poder assegurar, que em muito breve revê augmentada, e enriquecida esta Bibliotheca com as mais escolhidas obras dos mais celebres Escriutores, vamos dispondo, e habilitando nossos espíritos para se ilustrarem, e gozarmos dos fructos destes taõ vantajosos estabelecimentos (DISCURSO, 1830, p. 3).

O espaço físico da biblioteca era como se fosse a materialização do progresso e da civilidade através do ensino científico, do conhecimento e da leitura. Além dos

livros adquiridos, as reuniões eram, talvez até mais importantes, pois além de adquirir saberes pelas leituras, existiam discussões acerca de diversos temas de interesses comuns, como a religião, a moral, a política e a história. Pela importância considerada nestes momentos, é afirmado o aumento da quantidade de obras literárias disponíveis e, como veremos adiante, sobre o rico catálogo de livros.

A instalação da Biblioteca, praticamente no mesmo momento de surgimento da *A Matutina Meyapontense*, pressupõe o ideal de criação de “opinião pública” e tentativa de letramento na província, bem como a produção de uma consciência política (COSTA, 2013), pois, no decorrer das páginas, vários eram os documentos oficiais do governo publicados. Com as aulas ministradas no mesmo espaço da Tipografia, é possível perceber que a finalidade pedagógica com as disciplinas de línguas Latina e Francesa e também do curso de Filosofia e Moral, estariam alinhados com os valores do periódico, influenciados pelos ideais iluministas. Challandes (2003) afirma sobre a época:

Pensavam que as instituições eram perfeitamente apropriadas, mas que os brasileiros em geral e os dirigentes em particular, manifestavam uma cruel carência em termos morais. Concluía, portanto, que a solução não residia em mudanças jurídicas, mas sim em uma atuação educacional que visasse moralizar os homens e fazê-los evoluir à mesma altura das idéias que suscitaram as instituições existentes (CHALLANDES, 2003, p. 64).

Apesar desse movimento pela instalação da primeira biblioteca da Província, são raras as vezes em que o cotidiano desse espaço é relatado no jornal. Bretas (1991) afirma “dessa biblioteca não há notícias posteriores, não se sabendo por quanto tempo teria existido. Na Capital da Província, uma vez ou outra alguém lembrava em artigos de jornais a necessidade de se dotar a Capital de uma biblioteca pública” (BRETAS, 1991, p. 407). Ainda assim, na edição nº 378, de 20 de outubro de 1832, a importância da biblioteca para a educação foi defendida:

Este Arrayal possui a unica Typographia da Provincia, ja conta huma Biblioteca franca, e ainda que sem Professores Publicos, possui Aulas de Grammatica Latina, Lingoa Franceza, e de Philozophia Racional, e Moral, que particulares se encarregarao de reger. (CONSELHO, 1832, p. 2).

Como exposto, o espaço bibliotecário existia e, mesmo que houvesse já no território brasileiro uma Lei de Ensino (será abordada a seguir) para o Império, a educação no interior do país ainda estava a desejar, pois sequer existia professores

públicos, atrasando assim o conhecimento científico e a busca pela ciência nestes territórios. Dessa primeira biblioteca, não houve mais notícias.

A exemplo da falta de ensino, em 1830, em uma correspondência direcionada para a *A Matutina Meiapontense*, uma leitora, com o pseudônimo de *A Apaixonada*, questiona a falta de cadeiras de primeiras letras no território. A carta ocupa quase uma página inteira do jornal (ao todo, as edições tinham quatro páginas cada uma). No início do texto, a leitora-redatora faz uma crítica ao jeito como as mulheres da época eram tratadas e diz que, em outro momento, quando o padre e redator de *A Matutina Meiapontense* havia visitado sua província, São João das Duas Barras (criada em 1808 e extinta em 1823), ele afirmou que o costume de tratamento desdenhativo era “devido ao abandono em que se achava a educação, e a falta de instrução nos homens, porque quanto melhor educação tinha hum povo, tanto mais polidas eraõ suas maneiras para com o Sexo debil” (A APAIXONADA, 1830, p. 4). Assim, *A Apaixonada* continua sobre seu anseio para que haja no Arraial mais Escolas de Primeiras Letras, denunciando ainda sobre a pouca quantidade de escolas em um universo de 14 paróquias e 20 arraiais, sendo disposto apenas dois locais com “Cadeiras de Primeiras Letras”. Na continuação de sua escrita, ela afirma sobre a incoerência em um Estado Constitucionalista existir apenas as promessas para mais Cadeiras e se queixa pela forma como as mulheres eram tratadas nessa sociedade:

[...] todos puzemos nossas esperanças no Conselho Geral, e ficamos muito contentes quando lemos na Matutina a proposta sobre Cadeiras; assim que formos nos instruindo, veraõ os Srs. do Sul, se nos os do Norte cedemos aninguem em Patriotismo, conheceraõ quanto amamos a Liberdade, e quanto odiamos a esses viz escravos. que por serem captivos, vinhaõ se indemnisar sobre nos as miseraveis molheres, que sem duvida saõ as que sofrem mais nos Estados Despoticos (A APAIXONADA, 1830, p. 4).

Neste discurso da *A Apaixonada* é possível perceber três pontos importantes: o tratamento das mulheres sendo explicitado como pior do que era com escravos, a superação dessa condição a partir da instrução, fazendo jus novamente à necessidade de novas escolas pelo território goiano e a ânsia pelo fim de um governo antidemocrático. Considerando as bibliotecas como espaços de difusão de saberes, tanto pelos materiais literários disponíveis, quanto pelas discussões presentes nesses lugares, o papel exercido por elas, assim como as escolas, merece ser descrito aqui. A próxima biblioteca na província de Goiás veio a surgir décadas depois na capital da

Província, ficando conhecida como *Gabinete Literário Goiano*, conforme se verá a seguir.

## 2.2 GABINETE LITERÁRIO GOIANO

Passados 34 anos do surgimento da primeira biblioteca do território goiano que, como dito, foi instalada em Meia Ponte sob os auspícios do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, foi fundada a tão sonhada biblioteca pública na Província de Goiás, a qual conhece-se como *Gabinete Literário Goiano*, edificada na antiga Vila Boa, capital na época e hoje conhecida como Cidade de Goiás. Seu nascimento foi em 21 de abril de 1864, sob responsabilidade de Raimundo Sardinha da Costa. Segundo Bretas (1991, p. 408) “o *Gabinete Literário Goiano* foi sem dúvida a maior e a melhor biblioteca que se fundou em Goiás e a que melhores serviços prestou à sociedade goiana”. Entretanto, o primeiro registro jornalístico disponível na Hemeroteca Digital sobre a Biblioteca é apenas de 1866.

Figura 3 - Prédio do Gabinete Literário Goiano (2018)



Fonte: Jornal Diário da Manhã - Matéria: Gabinete Literário Goiano: tesouro que clama!<sup>6</sup>

Para Prado (2019), a criação do *Gabinete Literário Goiano* é resultado das mudanças políticas e sociais vividas pelo Brasil após a transferência da Família Real Portuguesa para o território. Ele afirma que após a chegada, condição de colônia foi deixado para trás alcançando assim o status de Império e com isso outros adventos fizeram parte desse “pacote”, como exemplo, a instalação da *Impressão Régia*, possibilitando assim que o Brasil tivesse a permissão da Coroa para a produção periódica. Após tal anuência, a edição e circulação do *Correio Braziliense* também foi autorizada nas terras brasileiras, criando assim um pensamento de necessidade quanto a uma opinião pública no Brasil. O autor ainda afirma que a partir deste momento do Novo Mundo, várias mudanças foram provocadas na sociedade, inclusive o início dos jornais de iniciativa popular:

Os princípios liberais – liberdade, individualismo, livre mercado, domínio da lei – de forte influência europeia e estadunidense, somado ao aparecimento de uma opinião pública brasileira, foi deveras importante para o surgimento de preocupações em torno da instrução, da necessidade da leitura e de seu consumo (PRADO, 2019, p. 134)

A criação do *Gabinete Literário Goiano* se dá no fortalecimento do ensino após tais mudanças e a criação do colégio Lyceu de Goyaz em 1846, conforme Prado (2019) “pela fundação do Lyceu de Goyaz (1846) e pela formação de grupos oligárquicos, é que surgiu a ideia de se fundar nesses rincões um *Gabinete Litterario* constituído sob as bases de uma sociedade de homens que ocupavam altos cargos públicos da província” (PRADO, 2019, p. 140), tanto é que em sua inauguração, personagens importantes da elite goiana se reuniram no salão principal do Lyceu de Goyaz.

Conforme as atas das sessões do *Gabinete Literário*, logo após sua abertura, o Estatuto foi aprovado (posteriormente é discorrido sobre ele) e a autorização para a compra de livros e assinaturas de jornais. Curado (2009) discorre sobre a dificuldade para adquirir os livros na época e os problemas financeiros enfrentados:

A compra dos livros se traduzia numa verdadeira epopéia, já que saíam da Livraria Garnier, no Rio de Janeiro, e de São Paulo e vinham para Goiás,

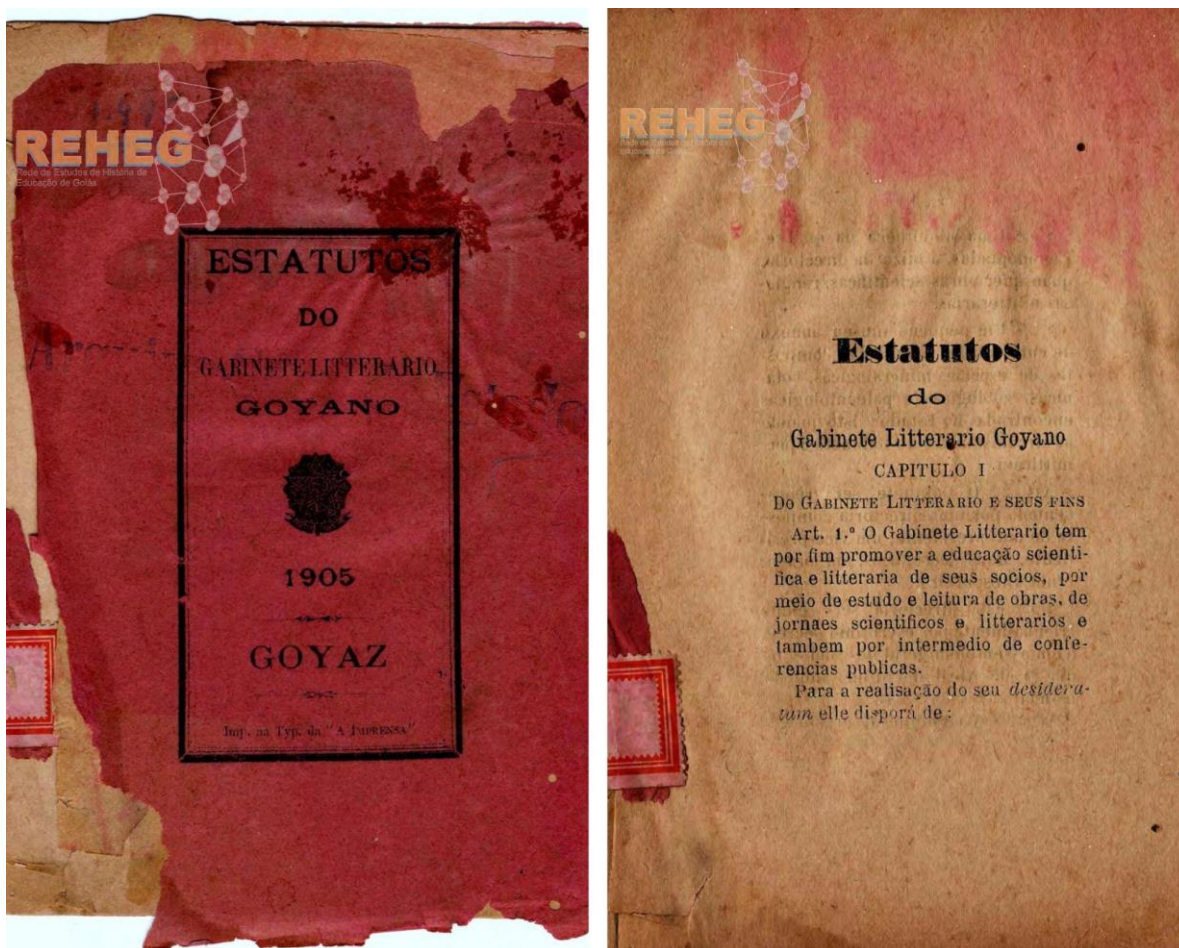
---

<sup>6</sup> Matéria do jornal Diário da Manhã. <https://www.dm.jor.br/opinioao/2018/08/gabinete-literario-goyano-tesouro-que-clama/>. Acesso em 18 maio 2021.

conduzidos em lombos de burros, em meses de viagens. Ocorriam extravios de carga em decorrência de burros fujões, chuvas prolongadas e pontes desaparecidas. Por falta de recursos, o gabinete ficou fechado no período de 1868 a 1871. Depois, reabriu em sede nova, com estantes, livros e sócios novos. (CURADO, 2009, p. 13)

O artigo primeiro do Estatuto do *Gabinete Literário* (1905) define que a entidade tinha “[...] por fim promover a educação científica e litteraria de seus socios, por meio de estudo e leitura de obras, de jornaes scientificos e litterarios e tambem por intermedio de conferencias publicas”. Ou seja, muito mais que apenas uma biblioteca, o *Gabinete Literário* era um espaço de produção de conhecimento através do letramento, com estudos e discussões.

Figura 4 - Estatuto do Gabinete Literário Goiano (1905)



Fonte: Rede de Estudos de História da Educação de Goiás<sup>7</sup>

<sup>7</sup>A Rede de Estudos de História da Educação de Goiás - REHEG tem como missão promover estudos e pesquisas de história da educação de Goiás, com ênfase sobre a pesquisa documental com

Essa confirmação é percebida ao deparar-se com o trecho do *Correio Oficial de Goyaz* (1866) quando é publicado sobre a necessidade financeira pela escolha de assinaturas de jornais para o *Gabinete Literário* ou compra de novos livros. A decisão foi pela compra:

[...] tratando-se da assignatura de novos jornaes para o gabinete, a diretoria, concordando com as rasões expedidas pelo Sr. dr. Benedicto, deliberou que os fundos do mesmo gabinete fossem empregados de preferencia na compra de livros do que na assignatura de jornaes resolvendo-se por tanto que se promovesse somente a assignatura do Jornal do Comercio e de uma outra qualquer folha ilustrada à escolha do digno socio [...] (GABINETE, 1866, p. 4).

Entretanto, apesar da concordância em novas compras, é importante ressaltar a escassez dos livros e também a seleção desses materiais, tal como também analisa Bretas (2019):

[...] quando o professor sugeria ao Presidente a adoção de livros que ele, professor, considerava melhores que o compêndio oficialmente adotado, não raro recebia em resposta um veto formal e desconcertante. Havia na época, resquícios dos tempos coloniais e dos regimes monárquicos intolerantes, muito preconceito relativamente a certos princípios liberalizantes da Revolução Francesa, idéias republicanas, ateísmo e dissidência religiosa. Livros que contivessem alguma passagem, que parecesse revelar, ou deixasse suspeitar, de leve que fosse, uma sutil conotação com esses princípios eram sumariamente proibidos nas escolas (BRETAS, 1991, p. 2019).

No jornal *Correio Oficial de Goyaz* é bastante comum encontrar espaços destinados às atas do *Gabinete Literário Goiano*. É possível perceber discussões de trocas de obras disponíveis, compras de livros, chegada de obras de arte e reclamações acerca da não devolução dos livros. Também, em uma publicação de 1873 foi pedido uma relação das obras no *Gabinete Literário* para que houvesse nova aquisição sem livros duplicados. Foi até mesmo designado que alguém pudesse fazer este trabalho com celeridade e sendo recompensado financeiramente pelo trabalho, levando-nos a reconhecer a importância da difusão da leitura e conhecimento científico na época:

Foi presente uma carta do Exm. Sr. Dr. Alfredo d'Escragno Taunay, em que expõe urgente necessidade que tinha de uma relação das obras existentes ao gabinete, porque, pretendendo brinde-lo com mais volumes, desejava evitar duplicatas. Resolveu se que se encarregasse uma pessoa de confeccionar esse trabalho com a maior brevidade possível, dando-se-lhe uma gratificação se fosse necessário (GABINETE, 1873, p. 4)

Essa preocupação pelo balanço de acervo das obras reflete a necessidade de uma organização, dando importância ao letramento da sociedade de elite. Em outras páginas do periódico é possível encontrar listas de aquisições das mais variadas áreas de ensino, principalmente material em francês. Também vale ressaltar sobre várias publicações de pedido de encadernação em formato brochura, sendo um livro em pequena dimensão (“livro de bolso”), contribuindo assim com a difusão da cultura de leitura, conforme consta no periódico *Correio Oficial* “[...] Ao Mesmo – Idem, como solicita o Dr. Diretor da typographia provincial a Luiz Pedro Xavier dos Guimaraes, a quantia de 176\$320 reis, constante do documento que se remete, importância de encadernações em brochura de lei, relatos e cartas” (INSPETOR, 1873, p. 3)

Em diálogo com o passado, essa cultura de leitura já era percebida ainda pelas páginas d’*A Matutina Meiapontense*. Na edição nº 505, de 8 de janeiro de 1834, encontra-se “Ha hum meio de diminuir os mendigos e tratantes, e he, augmentar, pela instrução primaria, o numero dos Leitores e dos bons Livros” (VARIEDADES, 1834, p. 4). Aqui, não só compreende a relevância da leitura, mas também do ensino no geral.

No que tange os “bons livros”, cabe a análise das obras chegadas ao *Gabinete Literário*, em uma de suas inúmeras listas publicadas no periódico *Correio Oficial*. No ano de 1874, na edição nº 3, o acervo revela uma variedade de títulos em diversos segmentos. Temas relacionadas à política estiveram presentes (como exemplo: “Guerra do Paraguay”, “Breve indice alphabetico de legislação brasileira”, “Recordação da vida parlamentar”); caminhando por uma agricultura forte na sociedade, livros neste assunto também eram comuns (vide “A crise da lavoura”, “Cultura da Cana”, “Manual do agricultor”, “Relatório do que é preciso para um estabelecimento agrícola”, “Plantas tóxicas do Brasil”); também há inclinação para o ensino com livros de astronomia, história e medicina (exemplos “História do Brasil”, “Scenas de viagem”, “Astronomia du jeune age”, “Summario dos factos mais importantes da clínica cirúrgica”); por fim, informações também sobre o que se passava no restante do país (tais como “Relatório sobre as colonias Blumenau e outras”, “Notícias sobre o Paraná”, “Relatório sobre abastecimento de água no Rio de Janeiro”, Relatório da exploração do rio S. Francisco”).

Além das aquisições, doações também foram feitas por sócios do *Gabinete Literário* e homens que compunham a mesa diretora do local. Em 1871, mulheres puderam fazer parte da Associação, realizando assim também, doações. Seu acervo só cresceu após a Instituição obter uma sede própria. Bretas (1991) afirma que no início, as reuniões eram realizadas em um “cômodo de pavimento térreo do Palácio da Assembleia Legislativa” (BRETAS, 1991, p. 409) e, após três anos de sua fundação, em 1867, saíram desse espaço pois ali foi destinado a ser os Correios, o qual também não tinha lugar próprio. Bretas (1991) afirma que a sede do *Gabinete Literário* foi mudada para o Lyceu de Goyaz em 1867, mas não há registros em ata que conste essa informação (PRADO, 2019), podendo ser confirmada essa mudança apenas em 1871, através de informativo no *Correio Oficial*.

Ainda de acordo com Prado (2019), ao analisar os materiais referentes ao *Gabinete Literário*, é possível perceber que a dinâmica do *Gabinete* se dava entre o Palácio da Assembleia Legislativa, os livros da Associação e o salão principal do Lyceu de Goyaz. É induzido a reflexão acerca desse tripé no que tange a organização e composição dessa atividade leitora de Goiás, pois nem mesmo nas primeiras atas do *Gabinete* é dado destaque para as oligarquias da época. Entretanto, após a transferência do *Gabinete Literário* para o Lyceu, alguns nomes se destacaram mais que outros, como o de Antônio Felix de Bulhões, com suas doações à biblioteca e apoio ao espaço. A ascensão dos Bulhões se dá na década de 1870 e sua influência no *Gabinete Literário* é notória quando Antônio Feliz de Bulhões Jardim, poeta abolicionista, assume a responsabilidade pelo *Gabinete*. Prado (2019), sobre a entrada de Antônio Felix de Bulhões, afirma “sua grande influência em diferentes esferas da sociedade goiana e conseqüentemente das mulheres que com ele fizeram par na sociedade, oportunizou mudanças importantes nos estatutos e a aceitação de mulheres foi uma dessas mudanças” (PRADO, 2019, p. 143) e, posteriormente com a entrada de tantas outras mulheres na Associação, foi reivindicado o direito ao voto, causando críticas por alguns homens das proximidades. Sobre a entrada dessas mulheres, Prado (2019) afirma:

Pelos registros de ata verifica-se uma constante reclamação acerca das dificuldades em manter funcionando o Gabinete Literário Goiano. A ausência de subvenções por parte do governo, o movimento de sócios e o esvaziamento da associação a cada conflito de caráter político, deixava as finanças e demais compromissos da biblioteca em frangalhos. Diante de tais reclamações há de se considerar as dificuldades financeiras da associação,

por isso um bom motivo e justificativa para a aceitação de mulheres em seu quadro de associados. A entrada de mulheres talvez operasse como uma estratégia masculina para manter a instituição em funcionamento (PRADO, 2019, p. 144)

A elevação das mulheres frente ao *Gabinete Literário* e, conseqüentemente, na sociedade, vai de encontro ao que foi exposto no capítulo anterior em referência a carta da *A Apaixonada* (1830), quando esta cobra a instalação das escolas de primeiras letras e o respeito pelo “sexo débil”. Ainda, sobre a participação feminina nessa sociedade e a movimentação de ideias e discursos na sociedade, Prado (2019) afirma:

No caso do Gabinete é preciso enfatizar que seus registros se encontram repletos de informações relativas à circulação de ideologias, princípios políticos, títulos de livros nacionais e estrangeiros e também apresentam o recebimento de volumes, mediante doações feitas por sócios do sexo masculino e feminino. Havia ainda as doações de sócios honorários e que moravam, em sua maioria, em outras províncias – posteriormente outros estados – do Brasil. Entre 1872 e 1899 a compra de livros foi intensificada pelos presidentes do Gabinete Litterario Goyano. A biblioteca passou a ser constantemente abastecida com novos livros e jornais. A aquisição era sempre autorizada em sessões, salvo a existência de dinheiro em caixa. As negociações eram feitas por intermédio de livreiros e, também pela circulação de diferentes personagens entre os sertões goianos e o litoral (PRADO, 2019, p. 149)

Ainda de acordo com o autor Prado (2019), as mulheres foram beneméritas do *Gabinete Literário*, doando livros e na organização para sugestão ou solicitação de compra para o acervo. Além disso, há relatos também de uma “economia literária” (PRADO, 2019, p. 152) no que tange a comercialização de obras e/ou coleções de jornais e revistas. Noemi e Clímaco (2018) afirmam sobre o protagonismo da mulher na sociedade em algumas situações, como a organização de saraus do *Gabinete Literário* e do *Clube Literário*, além de participação em movimentos abolicionistas. A respeito do assunto, Sant’Anna (2013) assim pontua:

Observa-se, assim, uma ampliação do movimento abolicionista, nos anos de 1880, porque a campanha extravasou o debate parlamentar e envolveu diferentes setores da sociedade. Além do parlamento, a campanha desenrolou-se ainda na imprensa, nos clubes e teatros, principalmente nas capitais das províncias. Assumiu um caráter popular, tornou-se um movimento das ruas, que se transformou em palco das lutas sociais abolicionistas, “ampliando e democratizando o que até então, se passara dentro do limitado espaço das Câmaras”. A partir deste período, sobretudo na década de 1880, o movimento abolicionista alargou-se e passou a

incorporar em suas fileiras, outros grupos sociais, outras categorias raciais e de gênero, envolvendo homens e mulheres, livres, proprietários ou não, bem como escravos e libertos (SANT'ANNA, 2013, p. 104-105)

E é neste momento de conjunção da prática literária e intelectual que é fundado o *Club Litterario Goyano*, em 16 de agosto de 1885 com o objetivo de “dar desenvolvimento à literatura em Goyaz” (COMMUNICAIMOS, 1885, p. 3), de acordo com o jornal *O Publicador Goyano*, na edição 92, assim, as reuniões do grupo, realizadas nas sextas-feiras às 19h eram tomadas pelas discussões sobre assuntos literários e científicos. As demonstrações pelos avanços científicos, movimentos literários e de discussões e as organizações pelos atos abolicionistas se intensificaram na década dos anos 1880 justamente porque esse debate envolveu várias esferas da sociedade. De acordo com Bretas (1991):

Não houve no Brasil outro período em que se discutissem tanto os problemas da instrução pública quanto o período imperial. Desde a Constituinte de 1824 até o ano de 1888, a instrução ocupou as atenções dos representantes dos poderes legislativos e executivo, como se quisessem dizer, em linguagem administrativa de hoje, prioritário “esse importante ramo dos serviços públicos, frase que invariavelmente os presidentes abriam o assunto em suas mensagens anuais à Assembleia Legislativa. Mas, não obstante a boa vontade dos governantes, não se conseguiu dar as melhores soluções a nenhum dos grandes problemas da educação nesse período. Falava-se muito, escrevia-se muito, mostrava-se o caminho, mas ninguém conseguia encontrar os meios (BRETAS, 1991, p. 416-417)

Conforme pode-se observar, mesmo com o *Gabinete Literário* e os movimentos literários que o abraçavam, haveria ainda muita luta para o aperfeiçoamento da educação, sobretudo por 80% da população goiana da época ser constituída por analfabetos (BRETAS, 1991). Dessa forma, no próximo tópico, será abordado a Instrução Pública no território goiano dentro do Brasil Império.

### **2.3 A INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PROVÍNCIA DE GOIÁS**

A primeira Lei goiana de instrução pública foi sancionada apenas em 23 de julho de 1835. Entretanto, antes disso já havia no território algumas escolas de educação primária. De acordo com Bretas (1991), existia na província de Goiás 7 escolas régias, sendo 3 na capital (Teologia Moral, Gramática Latina e Primeiras Letras) e 4 nos arraiais, situadas em Meiaponte, Santa Luzia, Pilar e Traíras. Em 15

de outubro de 1827 houve a primeira Lei<sup>8</sup> sobre ensino no Brasil, pois antes disso as escolas no Brasil Império ainda eram regidas conforme ordem de Portugal.

Para uma melhor compreensão do ensino em Goiás e, conseqüentemente, o surgimento da ciência, é importante entender as especificações da legislação vigente na época. A lei de 1827 “Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio”. No artigo 2º é legislado que em lugares pouco populosos nos quais haja escolas, caberá aos Conselhos que possam acabar com esses locais para remanejo de professores. No artigo 3º também é definido o ordenado dos professores (2004000 a 500\$000 anuais). O artigo 4º define o ensino mútuo onde for possível e o 6º “Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil” e, também, o artigo 11º “Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento”.

De início, o presidente da Província, Miguel Lino de Moraes (1827 a 1831) não conseguiu implementar esta Lei, pois não havia orçamento provincial para a educação, além da falta de profissionais para cumprir o artigo 6º. Em 1831, quando o militar José Rodrigues Jardim assumiu a presidência da Província, sendo o primeiro goiano nomeado para o Governo de Goiás, logo se prontificou com a Instrução Pública, fazendo publicações de editais públicos para professores, cujas vagas já haviam sido criadas pelo Conselho Geral da Província e aprovadas pela Corte. Nos anos seguintes, “entre 1832 e 1835, o governo realizou vinte concursos e preencheu vitaliciamente as 24 escolas, [...], porém várias delas vagaram pouco tempo depois” (BRETAS, 1991, p. 130). Bretas ainda afirma que as desistências dessas cadeiras se dariam pelo baixo ordenamento.

Após o Ato Adicional<sup>9</sup>, em 1º de junho de 1835, o então presidente da província, José Rodrigues Jardim, em sua mensagem à Assembleia expõe alguns problemas a

---

<sup>8</sup> 1ª Lei de Instrução Pública do Brasil - Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html). Acesso em 08 de maio de 2021.

<sup>9</sup> Lei de 12 de agosto de 1834 a qual criou as Assembleias Provinciais permitindo que essas pudessem legislar sobre a instrução pública e outros serviços da sociedade (BRETAS, 1991)

serem enfrentados pela educação no território e pede que o órgão possa facilitar soluções:

A distancia que se achão estabelecidas as Aulas; a pequenez das rendas públicas, que não permite a criação de outras, tão necessárias em hum Paiz tão extenso, e onde se acha espargida; a pobreza de muitas famílias, que por falta de meios não podem manter distantes aos seos filhos; o disleixo de alguns Pais que por falta de conhecimentos não apreciam o bem, que se adquire com a Instrucção, e por isso não se empenhão, que a tenham seos filhos; o defeito de outras que por hum mal entendido amor condescendem com a repugnância, que seos filhos mostram ao estudo, e applicação, são os maiores obstáculos que se tem opposto ao progresso da Instrucção. (BRETAS, 1991, p. 171)

Estando postas as condições sociais e financeiras da Província, o presidente em sintonia com um projeto já feito por Minas Gerais, adaptou-o à realidade de Goiás e instituiu a Lei de 23 de julho de 1835<sup>10</sup>, regulamentando a instrução pública na Província, sendo a primeira Lei de educação goiana. A partir desse momento, foi estabelecido que houvesse escolas para meninas nos mesmos lugares em que tivessem escolas para meninos no ensino de 2º grau, ambas não podendo funcionar com menos de 16 alunos/as. No artigo 1º é definido o ensino em cada grau “no 1º se ensinará a ler, escrever, a pratica das quatro operações Arithmeticas, e a Doutrina Christã; e no 2º a ler, escrever, Arithmetica, até as proporções, Grammatica da Lingoa Nacional, e as noções geraes dos deveres moraes, e religiosos.”

## 2.4 AS ESCOLAS ATRAVÉS DAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Nas páginas da *A Matutina Meiapontense* é possível perceber, ainda em 1830, a dificuldade do acesso à educação. Na edição nº 122, de 8 de janeiro de 1830, em artigo de capa do periódico há um texto extenso sobre o assunto, valendo apontar sua relevância, sobretudo por compreender que esse tipo de discurso com tom de luta e apontando os problemas e reivindicando melhorias e caminhos para soluções não era incomum. Os jornais eram pautados principalmente pela política, mas o conhecimento científico tinha o seu protagonismo, a exemplo do trecho a seguir:

---

<sup>10</sup> Lei de 23 de julho de 1835 - Primeira Lei de Instrução Pública Goiana. Disponível em: [http://200.137.218.134/uploads/4/7/474/LEI\\_GOIANA\\_SOBRE\\_INSTRUCAO\\_PUBLICA.pdf](http://200.137.218.134/uploads/4/7/474/LEI_GOIANA_SOBRE_INSTRUCAO_PUBLICA.pdf). Acesso em 09 de maio de 2021.

Figura 5 - Texto veiculado no jornal A Matutina Meiapontense sobre a Instrução Pública

N. 122 Sábado 8 de Janeiro de 1831

## A MATUTINA MEIAPONTENSE.

*Omnia rerum principia parva sunt, sed suis progressionibus usa augentur.*

(F. Meiaponte 1830. Na Typ. d' Oliveira. D)

ARTIGOS DE OFFICIO.

**S**UA Magestade O Imperador a Quem foram presentes as Representações que o Conselho Geral da Provincia de Goyáz dirigio a Sua Augusta Presença, e a Assembléa Geral Legislativa, com datas de 27., e 31. de Janeiro do corrente anno, pedindo na primeira que se decidida se o dito Conselho pode ou não recomendar á consideração do Governo Provincial algum negocio de Administração, em que lhe conste haver prejuizo publico; e na segunda que se-crie huma Comarca nos Julgados do Dzemboque, e Arachá: Manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, participar ao referido Conselho que logo que a Assembléa Geral se-installar, lhe-seráo remetidas as mencionadas Representações. Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Abril de 1830. — *Marquez de Caravellos. — Está conforme — Joaquim Vicente de Azevedo — Secretario do Conselho Geral.*

*Falta, que ao Concelho Geral desta Provincia dirigio em sua Installação o Illust. e Exm. Sr. Marechal de Campo Miguel Lino de Moraes, Presidente da Provincia.*

*Continuação do N. ant.*

A instrucção Publica conserva-se no mesmo estado, em que a figurei o anno passado, com a differença de haver este Conselho proposto o plano de Escolas para a Comarca de S. João das Duas Barras; a falta de Mestres, habilitados em todas as materias do Art. 6.º da Lei de 15 de Outubro de 1827, foi por mim representada ao Ministerio, e por Aviso de 21 de Janeiro do corrente anno se me communicou ella hia a ser presente a Assembléa na proxima Sessão. O numero de Discipulos, que frequentão as aulas estabelecidas, são constantes no Mappa A. Dos Mappas parciaes, que tenho recebido, se observa grande falta na frequencia dos Discipulos, e por isso retardado o adiantamento dos mesmos Discipulos; os Mestres attribuem esta falta por huma parte ao desleixo dos Paes, e por outra á pobreza da maior parte d'elles, que não tendo os meios necessarios o-rem em Caza por intervallos; tambem representão os Mestres a falta de papel, pennas, e tinta, como sensivel ás lições de escripta, a falta de livros elementares, e traslados; por estes motivos prezumo muito conveniente o estabelecimento de dous collegios, hũ em cada Comarca, para os meninos pobres, para os Orfãos pobres, com quẽs os Juizes não tem aquella Caridade, e vigilancia tão recommendada pela Lei, a maior parte sem Tutor, que vigie na sua educação, que os applique a Officios, e que os separe da ociozidade: os Collegios são sem duvida nesta Provincia os Estabelecimentos mais proveitosos para o renovo da sua população; elle adquirira por uma educação methodica o sizado cuidado de se applicar as suas obrigações por vontade, temor, ou capricho; sua indole sera vigiada, e encaminhada aos verdadeiros principios da moral Christã, e politica; o genio de cada um desenvolverá progressivamente o fito da sua natural inclinação, que aproveitada aos estudos das sciencias, ou artes he hum passo adiantado para o seo futuro destino. Eu disse o anno passado, que os Officios mecanicos estavaõ na sua infancia; continão no mesmo estado sem esperanças; em hum dos Collegios, que acima opino, podia haver Officinas com Mestres pagos por conta do Estado para trabalharem em todas as obras da Fábrica Nacional, admitindo os Collegiaes, que se dedicassem áquelles Officios, e rapazes de fora, que ali os quizessem aprender; podendo-se nas mesmas Officinas trabalhar para participarem, pelo justo preço das obras, formando-se para

Fonte: Jornal A Matutina Meiapontense, edição nº 122 de 8 de janeiro de 1831

No texto é possível observar alguns problemas, sendo eles: a falta de professores capacitados para o ensino conforme exigia o Artigo 6º da Lei de 15 de outubro de 1827, já exposto anteriormente; observação acerca de alunos faltosos - vale ressaltar a necessidade de ter no mínimo 16 estudantes para o funcionamento; a culpabilização dos pais dos jovens pelas faltas nas aulas, utilizando o termo “desleixo”, revelando possivelmente uma limitada exposição da relevância das aulas na sociedade e, mais adiante, justificando as faltas também pela pobreza do local; a falta de material necessário para as aulas, como papel, penas e livros; a sugestão de haver

escolas para cada comarca, sendo um para os meninos pobres ou órfãos, sendo ensinados ali algum ofício e, por fim, a escola como um local para ensino da moral cristã.

Na edição nº 386, de 17 de novembro de 1832, há um trecho de discurso de um candidato à Cadeira de Retórica da Cidade de Goyaz antes do ato público de seu exame:

Sabias Leis derivadas das luzes do tempo vigiaõ sobre a publica educaçãõ, e todo o genero de instruçãõ. As artes uteis, e as sciencias ja nem andaõ homiziadas, nem mendigaõ protecçãõ, e todo o Brasil sustentado nos seos naturaes baluartes levanta a frente victoriosa entre as nações cultas coroados dos seos ramos nativos, que não invejaõ os louros. Tem chegado em fim o tempo de se polirem tantos diamantes brutos, que produz a terra do ouro, de se aproveitarem tantas vantagens, que liberalisa a natureza. Já se abrem os licêos, e convem, que a mocidade, que se ensaia para entrar no curriculo das sciencias, principie a cultivar o dom celeste da palavra, em que se distingue dos irracionais, e que tantas vantagens afiança á nossa causa. (DISCURSO, 1832, p. 4).

Neste trecho é possível perceber movimentações em relação as ciências ao afirmar que elas já não estão escondidas. Além disso, quando se fala que está chegando o momento de a sociedade polir os “diamantes brutos” na “terra do ouro” remete a uma mudança de pensamento/estrutura de uma sociedade baseada na mineração por muitos anos e que agora, pela educação (instrução pública), o Brasil se tornaria “vitorioso” pelos métodos das “nações cultas” (ensino técnico/científico). Ainda, ao final, é mencionada a criação dos liceus (ensino secundário), o qual será abordado posteriormente neste texto.

Apesar do discurso presente nos periódicos direcionados à educação, aspectos negativos se sobressaem. No Conselho Geral da província de Goyaz, em 29 de dezembro de 1829, há relatos de problemas nas províncias no que tange ao ensino e educação, não só no território goiano.

O Sr. Cardozo se oppoz, disendo ser precisa primeiro a experiencia, e que só depois de reconhecida a falta indicada pelo Sr. Corumbá, hé que se deveria recorrer á Corte, por isso que os Juizes, que indicara, eraõ habeis para tanto. O Sr. Corumbá contestou, que se para as Escolas de 1. Letras não estão preenchidos os requisitos da Lei, como se encheria sobre Logica? O Sr. Cardozo contestou que elle respeitava a Lei, e como esta mandava ser o Concurso na mesma Provincia, elle descansava na Lei. O Sr. Azevedo pedio a palavra, e disse que se em outras Provincias maiores, e mais illuminadas havia falta de Luzes, e especialmente de Mestres de Logica moderna, quanto mais em Goyaz; e por isso votava pela Emenda do Sr. Corumbá, e contra a do Sr. Cardozo; pois a adoptar-se esta, atrazaria as Luzes em Goyaz; e

achando-se a materia discutida, foi posta em votação, e passou com a Emenda do Sr. Corübá contra hum só voto. (ARTIGO, 1830, p. 2)

Observa-se a discordância entre as legislações do Império e a realidade das Províncias. Era ordenado que as províncias fossem responsáveis pelo Ensino, até mesmo designando aulas de assuntos/matérias específicas, entretanto, não havia profissionais capacitados para tais funções. Bretas (1991) fala sobre as dificuldades para a Província ficar em conformidade com o artigo 6º da Lei de 15 de outubro de 1827, o qual legislava sobre as matérias obrigatórias:

Sem mestre, sem alguém que os ajudasse, não era possível aos professores da época melhorarem seus conhecimentos de Matemática, os quais não passavam das quatro operações. Não havia compêndios impressos em língua portuguesa e de fácil aquisição. Nem em Portugal se dispunha com facilidade desses recursos. Afora as gramáticas de Língua Latina e da Língua Portuguesa (estas últimas eram raras), não se dispunha nem mesmo de cartilhas impressas para o ensino das Primeiras Letras. Aprendia-se a ler (como já dissemos) através de cartas manuscritas recebidas pelas famílias ou cartas de letras, sílabas, palavras e sentenças organizadas pelos próprios professores. Compêndios de Aritmética e Geometria, Geografia e História (em língua estrangeira que fosse) não existiam à venda nas prateleiras das incipientes livrarias do Brasil. Com tal escassez de matéria impressa não era possível mesmo aos autodidatas esforçados progredirem em sua ciência (BRETAS, 1991, p. 128)

A narrativa deste texto leva a reflexão sobre a qualidade do ensino e a difusão da ciência. Sem os materiais necessários para a instrução do professor e para o aprendizado do aluno, se torna praticamente impossível uma educação de qualidade. Mas não se pode culpar a Província, pois como bem exposto, não era algo apenas daqui, afinal, nem mesmo materiais em português existiam para a formação.

Em mais um trecho da *A Matutina Meiapontense*, é elucidado o progresso pela Educação em Meia Ponte, entretanto, mais uma vez, é exposto também sobre o desinteresse dos jovens no ensino científico. No parágrafo anterior, é notória as dificuldades frente às escolas com a formação dos professores, mas vale a comparação no que tange as raízes do problema:

Meyaponte foi o primeiro lugar da Prov que gozou a vantagem de possuir Aulas de Grammatica Latina, e de Primeiras Letras; Em 1788 se abriu a Aula de Latim, seo Professor o Dr. Bartholomeo Antonio Cordovil se fez celebre, e ainda hoje se pronuncia o seo nome com respeito, pela boa educação que fez tomar a mocidade deste Arrayal; a supressão desta Cadeira por motivos de economia, e a diminuição de ordenado ao Professor de Primeiras Letras em 1808 fez que ninguem se applicasse a estudos, e nem homem hábil se quisesse encarregar da de Primeiras Letras, de onde resultou o terrivel estado de ignorancia a que hiaõ redusindo os Meyapontenses; estado a que

se achão redusidos varios Arrayaes da Prov., como faremos ver em outro logor. O estabelecimento de huma Typographia, a franqueza de huma Bibliotheca, e Cidadaõs que se dedicaraõ ao ensino publico auguravaõ a restauração das Letras em hum povo, que sempre se distinguio por sua tendencia para a liberdade; más sepultados na ignorancia, e contaminados dos males, que ella produz em uma Sociedade, os Meyapontenses naõ reconhecerã as vantagens, que se lhes apresentaõ, e contentes, na mais reprehensivel ociosidade, testemunhaõ os desgraçados Pais os desvarios, e devassidaõ de seos miseraveis filhos, sem lançarem maõ do meio que se tem julgado o mais proprio para felicitar o homem, que he o estudo da sabedoria. Nós em outra occasiaõ tornaremos a tratar sobre este objecto, e concluiremos agora com um Sabio que exclamou – Feliz, e mil vezes feliz aquelle, que te cultiva, o Divina Sabedoria! Feliz aquelle, que a natureza, e a refflexaõ tornaraõ proprio para teos celestiaes entretenimentos! As Musas deixando os Palacios da grandeza, procuraõ faser-lhe companhia em sua humilde habitaçaõ, e lhe faz gozar seos armoniosos concertos. A poesia o eleva com suas brilhantes imagens; a historia apresenta a seos olhos homens, que ja naõ existem; o livro inteiro da Natureza se abre a seos olhos. Elle se perde com praser no Dedalo do coraçã humano. A politica naõ o julga indigno de suas lições; a moral, e seos preceitos fasem a sua mais cara occupaçaõ. Quem pode ser mais feliz que o Sabio? (MEYAPONTE, 1832, p. 3-4).

A baixa procura pelas aulas oferecidas são expostas como se fosse apenas um problema do estudante e de sua família. Mas em meio a tantas dificuldades, sequer mencionadas, há apenas a exibição do que há em Meia Ponte: tipografia, biblioteca e professores. Isso é percebido também em Bretas (1991) quando um professor ao fazer a verificação de aprendizagem do ensino de matemática e os estudantes não souberam responder corretamente, este manda os alunos embora, fecha a escola e diz que seus ensinamentos são para moços inteligentes e não para pessoas “burras”.

Para além das bibliotecas e da instrução pública, nos jornais que circulavam no território goiano oitocentista, a ciência também pode ser percebida por meio de uma área que até hoje é indiscutivelmente associada ao campo científico: a saúde, mesmo que relacionada ao higienismo e ao cientificismo. Por considerar essa uma categoria central, a saúde e a ciência nos jornais goianos do século XIX é o tema do próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 3**

### **SAÚDE E CIÊNCIA NOS JORNAIS GOIANOS OITOCENTISTAS**

A saúde era um tema recorrente nas páginas dos periódicos em diversos sentidos. Seja para informações sobre doenças, dicas de plantas medicinais, denúncias sobre a falta de condições do Hospital, apelo para novos e melhores hábitos de higiene e alimentares ou comunicados sobre os médicos. O que se pode perceber é uma tentativa de introdução da cultura científica para a população com uma linguagem acessível, sem jargões teóricos e a aplicabilidade da ciência para o cotidiano. Neste capítulo será abordado o primeiro hospital civil da Província de Goiás, o Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e a saúde pública, bem como o teor científico acerca das questões relacionadas à saúde nas páginas dos jornais goianos oitocentistas.

#### **3.1 HOSPITAL DE CARIDADE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA - O PRIMEIRO HOSPITAL CIVIL DE GOYAZ**

Nas luzes da segunda década do século XIX, foi fundado na Província de Goiás o primeiro hospital civil do território. Anteriormente a este, existia o Hospital Real Militar, atendendo aos militares e a população. Seu término é em 1827, decorrente pela independência do Brasil frente à Portugal (1822). O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara é datado de 1825 e foi autorizado na regência de D. Pedro I através da Carta Imperial de 25 de janeiro para atendimento aos enfermos pobres e indigentes, homens livres ou escravos.

**Figura 6 - Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara**



Fonte: Institucional do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara - 196 anos de História<sup>11</sup>

Sendo um hospital de caridade, era preciso apresentar um atestado de pobreza, que poderia ser emitido pelo pároco responsável ou pelo governo da Província. Para o tratamento dos escravos, era preciso que o “senhor” se responsabilizasse pelo custeio. Com preços modestos, atendia também soldados do exército e os presos (MAGALHÃES, 2004-a). De acordo com Rabelo (2005):

A utilização do saber médico pelo governo na organização do espaço urbano da Cidade de Goiás, durante o século XIX, procurava controlar a saúde e o corpo das classes mais pobres, a fim de torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas para as classes mais ricas (RABELO, 2005, p. 29)

Os perigos que se referem para as classes mais ricas dizem respeito as questões sobre medicina sanitária, que eram bastante precárias em decorrência dos hábitos de higiene, de habitação e de alimentação. Dessa maneira, passaram a ser obrigações da Câmara a partir de 1828. Assim, em consequência das condições gerais de vida da população, o Hospital era visto como um lugar “disciplinar”:

Através do Hospital, impõem-se mudanças nos comportamentos individuais dos trabalhadores. Não bastava esvaziar praças e ruas dos que eram considerados pelo discurso normatizante da Câmara Municipal e Assembleia

---

<sup>11</sup> Imagem retirada da seção Institucional do site do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. Disponível em: <http://www.hospitalsaopedro.org.br/institucional/>. Acesso em 18 de maio de 2021.

Provincial como vadios, vagabundos, doentes e mendigos. Seria necessário discipliná-los para assumirem posturas mais adequadas ao trabalho, para os hábitos higienizadores que, além de evitar o perigo do contágio da doença, evitaria a falta de braços para o trabalho [...] No Hospital, buscava-se uma totalidade, uma mudança de hábitos e costumes enraizados não somente na região dos “Guayazes”, mas em todo o país. Ele se torna uma escola, um local onde se ensinaria novos hábitos de higiene física e mental - individual - para serem difundidos no espaço privado popular. Os doentes seriam os privilegiados a desfrutarem de tanto conforto ou de tais hábitos [...] Ao ter o trabalhador como objeto, as práticas de saúde tornam-se responsáveis pela política social do corpo, traduzindo-as sob o ângulo da dominação do capital sobre o trabalho (MORAES, 1995, p. 77-79-83)

Dessa maneira, indo de acordo ao pensamento de Moraes, é possível perceber no jornal *A Matutina Meiapontense* (1830) o primeiro reflexo de ter o Hospital como um local para esse ensinamento de “mudança de hábito” e também para um local de aprendizado e pesquisa, escrito nos jornais como “ensaios”:

A experiencia o-tem mostrado n'esta Cidade, aonde há o Hospitál de Caridade de Saô Pedro d'Alcantara, e aonde se-recolhem todos os pobres, que alí se-apresentaõ, que tal, ou qual entra em estado de ser curado; deixaõ-se existir na menlicidade em quanto se podem arrastar, e em ultimo estado alí vaõ morrer; a prova hé a grande quantidade de gente pobre, que tem ésta Capital, e o pequeno numero, que alí concorre à curar-se, ao menos á ter medicamentos, e hum tratamento mais regular, que á muitos tem aproveitado priucipalmente na Repartição Militár. Huma Aula de Medicina Pratica, de Cirurgia, e Farmacia, muito se-precisa, ella pode fizer os seos en saíos na Gaza do Hospitál da Caridade, vigiados por bos Professores; alguns Estudantes se-aplicarão, e em quanto se-naõ pode tocár o superior da Árte, tere.nos moços instruidos, que nós diversos Arraiães saibaõ aplicár com proveito alguns remedios. A Saude Publica, e os meios de a-preservar, hé hum objecto de suma importancia; e desgraçadamente eu a-vejo entregue ao acaso: pela Lei do 1.º de Outubro de 1828, e principalmente pela de 39 dº Agosto do mesmo anno, se-encarrega ás Camaras Muiicipaes todo o cuidado à este respeito; eu teã esperar, qu” as novas Camaras Municipaes verifiquem quanto lhes-expendí em Oficio de 10 de Janeiro d' este anno, é que tomem em consideraçad o melhoramento da forma de conservar u gado de consumo, e de o-matar; o exame sobre o paõ, vinho, carnes de porco cornho rompidas, e sobre tudo da farinha de milho, de que a pobresa faz hum geral uzo, e héextrahida do milho depois de fermentado, e muitas vezes depois de podre; talvez d'ahí, e do muito gasto, que se-faz das rapaduras em jacubas d'aquella farinha, resulte a grande quantidade de Opilações, e Hydropesias, que se-couhece, como molestia frequente (PRESIDENTE, 1830, p. 2)

Algumas reflexões acerca da saúde pública, como a falta de assistência médica na Província e hábitos de higiene podem ser articuladas aqui. Primeiramente, vale ressaltar que essa fala é do Sr. Miguel Lino de Morais, o então presidente da Província. Anterior a este trecho, ele havia denunciado a falta daqueles que detém a teoria da “Arte de curar” e de manipulação de remédios, dizendo que em toda a província não existem médicos, cirurgiões e boticários aprovados. Afirma ainda que até tinha um “cirurgião-mor”, mas esse havia sido retirado do local. Sendo assim, ele

afirma sobre a quantidade de pobres no local e que buscam atendimento no único hospital da cidade, destacando-se a enorme parcela das pessoas que morriam ali pela falta de medicamentos ou de remédios.

Assim, o presidente reitera a problemática sobre a necessidade de aulas de Medicina Prática, Cirurgia e Farmácia, pois poderiam ainda utilizar o Hospital como um “laboratório” para as práticas das aulas. Ele ainda afirma sobre a falta de assistência das Câmaras Municipais mediante os pedidos em ofício enviados. Ao fim, em relação aos cuidados de higiene e hábitos alimentares, é destacado a necessidade de melhores formas de conservação dos alimentos; ressalta ainda sobre o consumo de alimentos estragados e, em especial, da farinha de milho, comida comum dos mais pobres, fazendo referência desses hábitos de higiene e alimentação a causa das moléstias frequentes da época.

Em 1º de julho de 1830, há mais um relato sobre as condições ruins do Hospital, dessa vez escrita através de uma correspondência enviada ao jornal:

[...] vi sete Soldados deitados em suas camas sobre huns Colxões muito sujos, humas com Lençoes, e outras sem elles, a Enfermaria tao immunda com os fragmentos das comidas, e mais porquidões occasionadas pela falta de ser varrida, que ate fedia, e causava tedio: nao vi huma só chinela para os doentes se servirem, quando se levantassem, dando causa a que pizem com os pés descalços sobre os tijôlos, ainda mesmo purgados: o unico Enfermeiro que ha, naó cumpre com os seos deveres (CORRESPONDENCIA, 1830, p. 4).

Pressupõe-se que existia a preocupação com a saúde pública, com a busca pelos conhecimentos médicos e farmacêuticos, mas não era possível aplicar com êxito as mudanças nos hábitos da sociedade, pois “a saúde pública sempre foi relegada a segundo plano. A responsabilidade pelas medidas sanitárias domésticas cabia a cada morador individualmente” (MAGALHÃES, 2004-b, p. 16). Em outras páginas analisadas do periódico *A Matutina Meiapontense* é comum as escritas dos povos locais como seres “selvagens”. Em linhas gerais, denúncias de mal cheiro, falta de higiene, relatos de alimentação inadequada (comida podre) e a concepção do hospital como um “lugar para morrer” são corriqueiras. Assim, na primeira carta de uma mulher para o jornal *A Matutina Meiapontense*, a leitora-redatora, *Rosseira Zellosa* queixa-se sobre as condições sanitárias na Vila Boa logo no início de sua carta:

No dia 2 de 9br.<sup>o</sup> do corrente, dia em que se celebraõ os Divinos Officios pelas Almas dos nossos fieis defuntos, me achei na Cathedral desta Cidade de Goyaz para enviar as minhas Orações ao Todo Poderozo, e elle as distribuir pelas Almas, quando de improviso me vi a tacada do mais execrando fedor que extendia-se por toda a Igreja, de maneira que não só eu como as de mais Senhoras assaz fatigadas e possuídas de uma intima dor de cabeça maldisiamos deste modo. Será possível que os homêse stejaõ tão faltos de temor de Deos, que se animem a enxer a sua Santa Caza de cadáveres os mais idiondos? Será crível que estejaõ alucinados, ou faltos de olfacto para o não sentirem o quao danoso hé semelhante abuzo para o bem publico? (ZELLOSA, 1830, p. 3-4).

O fato do sepultamento de membros da elite goiana no interior das igrejas levava à uma situação de calamidade pública, pois como não havia protocolos para esses enterros, o saturamento do solo em decorrência da quantidade de cadáveres, gerava na Vila Boa um mau cheiro que atrapalhava a vida cotidiana. Borges e Barbosa (2020) apontam que as reclamações da *Rosseira Zellosa* além de evidenciarem a discrepância entre os gêneros nessa sociedade, pois as críticas são diretamente para os homens que exercem funções públicas, que “em prol de um costume reforçador de status, colocavam em risco a saúde e o conforto das pessoas que queriam exercer a sua religiosidade” (BORGES; BARBOSA, 2020, p. 179) é indicado também mais a frente, a necessidade de uso dos cemitérios para tais atos “[...] a terra está bastante insopada, e pela sua grande canceira já não admite que sepossa sepultar mais ninguém, por isso que o seu maó alito talvez tenha contaminado á todos os povos” (ZELLOSA, 1830, p. 4).

Apenas anos mais tarde, em 1859, foi possível a criação do Cemitério Público de São Miguel Arcanjo, seguindo assim as normas de higiene que proibiam o enterro desses cadáveres no interior das igrejas. A partir da inauguração do Cemitério, os enterros e serviços fúnebres, como os atestados de óbitos, passaram a ser de responsabilidade do Hospital São Pedro de Alcântara, aumentando assim os rendimentos da instituição:

Não podendo a Camara Municipal desta Cidade construir pelas suas rendas hum Cemitério, continua se a enterrar os Corpos dos desgraçados no Campo da Forca, aonde naó há nem se quer huma cerca, que vede a entrada dos porcos, que continuamente entaõ a fossar as sipulturas, de maneira que as vezes chegaó a apparecer os mesmos corpos, exalando sempre, e principalmente quando o Sol esta mais ardente, hum fétido terrível, o que na verdade he bem prejudicial. Para evitar a continuação destes terriveis inconvenientes peço-vos mui encarecidamente Decreteis desde ja a quantia de 200U000 reis, para formar hum Cemiterio em lugar proprio, para o qual seraó transferidos os ossos, que existirem no Campo da Forca270, se elle naó for ali mesmo estabelecido fazer, com tudo naó me animo a pedir maior, naó só por conhecer o estado de nossas Rendas, como por estar certo de

que não faltará quem concorra para uma obra tão justa. Este Cemitério deve ficar a cargo do Hospital de Caridade, para nelles se enterrarem os corpos dos desgraçados, e mesmo para outros quaisquer, mediante uma módica quantia, marcada pelo Governo Provincial, benefício do mesmo Hospital (MEMÓRIAS GOIANAS, 1986, p. 209-210 apud SILVA, 2012, p. 113)

Observa-se elementos do discurso científico no que se refere a “propaganda médica” e, além disso, “sem resistências da população e da elite política” visto que, como presente ainda na *A Matutina Meiapontense* na correspondência da *Rosseira Zellosa* era uma preocupação da população em geral.

**Figura 7 - Cemitério Público de São Miguel Arcanjo**



Fonte: Site Arte Funerária<sup>12</sup>

O Cemitério permanece ativo até os dias atuais. Hoje, é administrado pela Prefeitura da Cidade de Goiás. A escolha da sua localização foi encarregada pelos médicos locais.

### **3.2 SAÚDE PÚBLICA, HIGIENISMO E CIENTIFICISMO**

A dinâmica do comportamento da população goiana nos anos oitocentista, conforme observado no tópico anterior, abre caminhos para as doutrinas higienistas e

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiterio/cemiterio-sao-miguel/#historia>. Acesso em 05 jun 2021.

que carregam consigo, o cientificismo. Seja pelas denúncias presentes no periódico acerca de saúde pública ou pelos pedidos de médicos para a Província, em 1832, há no jornal *A Matutina Meiapontense* um trecho sobre a chegada de um Relatório da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio, revelando assim um movimento intelectual a favor dos saberes científicos:

Cabendo-me à distribuição de alguns exemplares do Relatório da Comissão de Salubridade geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro remetidos por Ordem da Regencia em Nome do Imperador, tenho a satisfação de enviar hum a Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional Installada em Meyaponte, bem convencido do apreço em que a Sociedade: terá este Folheto pelo vivo interesse que a mesma tona pelo bem publico (RELATORIO, 1832, p. 1).

Um ano antes, em 1831, através de Decreto Imperial, é lido na *A Matutina Meiapontense* sobre a importância das ciências da saúde, bem como as necessidades em se poder estudar sobre medicina e farmácia na Província:

5.º Lembro em beneficio da saude publica, que he o bem mais preciozo da Humanidade, a manutenção de hum Boticario Chimico a custa da Faz. Nacional, com residencia na Caza do Hospital da Caridade impondo-se-lhe a obrigação de fazer preparamees para a Botica do mesmo Hospital, e de ensinar Chimica e Fharmacia a quem se proponha aprender. Toda a Prov. interessa muito nesta providencia pela falta absoluta, que experimenta de pessoas instruidas na materia (FOLIA, 1831, p.4).

É possível perceber, ainda no início da imprensa goiana, essa preocupação com a saúde pública e estudos das áreas médicas, a partir de alguns trechos encontrados na *A Matutina Meiapontense*. Até então, o que se vê são discursos de pessoas da elite goiana e decretos imperiais. Ao analisar o jornal *Correio Oficial*, observa-se publicações acerca da medicina popular, com indicações de plantas e ervas para o tratamento de diversas doenças. Na edição nº 129, de 1866, há algumas instruções para uma exposição de produtos agrícolas e industriais e de obras de arte. Em edições seguintes há um catálogo com alguns desses produtos, cabe aqui a análise destes:

Figura 8 - Uso medicinal de plantas no Correio Oficial de Goyaz

<p><b>Nº 56.—Pinhão Paraguayo.</b></p> <p>Exposto pelo mesmo. Este pinhão, <i>jatropha curcas</i>, é muito conhecido, e abunda no município de Jaraguá, e em outros pontos da provincia. É drástico: a sua raiz emprega-se em molestias syphiliticas: da semente extrahê-se um óleo, que se usa em vèz do ricino; e do tronco faz-se excellente carvão, com que se prepara a polvora. O leite, que dá o pinhão, applica-se com muita vantagem nas cortaduras ou golpes; e as folhas nos tumores, como estimulante.</p> <p><b>Nº 57.—Jalapão ou Amaro Leite.</b></p> <p>Exposto pelo mesmo. O jalapão, <i>jatropha lacerti</i>, raiz de um sipó do mesmo nome, emprega-se como drástico para combater o escorbuto e molestias cutaneas: ha grande abundancia nos campos d'esta provincia, mormente nas <i>Salmus</i>, em uma das margens do Araguaya.</p>	<p><b>Nº 62.—Mamona (sementes de diversas qualidades.)</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. A mamona, <i>palma christe</i>, tem applicação na medicina e nos usos domesticos: há abundancia em qualquer lugar da provincia; e vende-se em alqueires e suas subdivisões. O óleo, que d'ella se extrahê, vende-se de quatrocentos a quinhentos reis a garrafa.</p> <p><b>Nº 63.—Rhuibarbo do matto ou marriçó.</b></p> <p>Exposto pelo collector de Jaraguá, José da Silva Lobato. O rhuibarbo, <i>scirynchum bermudiana</i>, é empregado como cathartico, emético, e <i>anti-psorico</i>, conforme o modo de o preparar. Nasce espontaneamente no matto e nos campos: ha muito em toda provincia.</p>
<p><b>Nº 58.—Velame branco.</b></p> <p>Exposto pela commissão parochial de Jaraguá. O velame branco, <i>cronton campestre</i>, emprega-se como purgativo e anti-rheumatico, e há grande abundancia nos campos desta provincia.</p> <p><b>Nº 59.—Puaia branca.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. A puaia branca, <i>viola—epicacuanha</i>, é empregada como emético.</p> <p><b>Nº 60.—Puaia cabelluda.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. Esta puaia, <i>rachordsonia pilosa</i>, emprega-se do mesmo modo acima referido.</p> <p><b>Nº 61.—Sete sangrias.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. A herva de sete sangrias, <i>euphorbia lineares Ratz</i>, emprega-se como ligeiro cathartico.</p>	<p><b>N. 87.—Fava medicinal.</b></p> <p>Exposta pela mesma commissão. Emprega-se contra dores de dente, colica, contra febres em geral e contra mordeduras de cobra.</p> <p><b>Nº 88.—Guiné.</b></p> <p>Exposta pelo collector de Jaraguá, José da Silva Lobato, Chama-se <i>guiné</i> a raiz de um pequeno arbusto, que nasce nos cerrados e <i>catungas</i>. A raiz tem um cheiro forte e gosto desagradavel; e emprega-se com summo proveito contra as molestias gallicas, e desarranjos da menstruação.</p> <p><b>N. 89.—Quíssiã amara.</b></p> <p>Exposta pela commissão parochial de Jaraguá. Emprega-se nas inflamações de estomago, figado &amp; (Continúa.)</p>

Essas publicações permitem perceber e ao mesmo tempo fazer algumas afirmações. A primeira é sobre o uso da medicina popular com a utilização de plantas nos tratamentos das doenças. Sobre a origem dessa influência, Monteiro e Brandelli (2017), afirmam:

No Brasil, a história da utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influências marcantes das culturas africana, indígena e europeia. A contribuição dos escravos africanos para a tradição do uso de plantas medicinais se deu por meio das plantas que trouxeram consigo, que eram utilizadas em rituais religiosos, e por suas propriedades farmacológicas, empiricamente descobertas. Os milhares de índios que aqui viviam utilizavam uma imensa quantidade de plantas medicinais que existem na biodiversidade brasileira. Os pajés transmitiam o conhecimento acerca das ervas locais, e seus usos foram aprimorados a cada geração. Os primeiros europeus que chegaram ao Brasil se depararam com esses conhecimentos, que foram absorvidos por aqueles que passaram a habitar o país e a sentir a necessidade de viver do que a natureza lhes tinha a oferecer, e também pelo contato com os índios (BRANDELLI, 2017, p. 9-10)

Assim, durante o século XIX as plantas medicinais e as práticas empíricas, bem como os profissionais populares (aqueles que não tinham uma formação técnica) formavam a base da terapêutica medicamentosa.

Apesar da intensidade do conhecimento empírico na época, provavelmente essa acentuação seja pela falta de médicos, nesses trechos do periódico havia também os nomes científicos. Uma delas é a persistência das tradições, claramente, entendidas e vislumbradas de que as doenças femininas eram tratadas por outras mulheres que praticavam a cura a partir de conhecimentos empíricos. Por outro lado, a experiência das mulheres mais velhas, que cuidavam da saúde das mulheres que padeciam de uterinas, com receitas à base de plantas e flores. Algo que também facilitava a participação das parteiras na vida das mulheres de Goiás, intercambiando segredos e cuidados, encontrando no imaginário social feminino da época, seu aliado principal. As mulheres tinham entre si esse cuidado de se tratarem, principalmente em casos de menstruação, gravidez, parto e seus desenvolvimentos.

Após a independência do Brasil, transformações são vividas no território brasileiro. De acordo com Silva (2012), no Segundo Reinado, o Império vive uma certa estabilidade política com um aumento na circulação de informações, notando-se assim a intensificação do número de periódicos, um crescimento econômico e urbano, mesmo que estes não sejam uniformes em todas as províncias. Assim, Silva (2012), afirma que essa movimentação enfraqueceu certos poderes tradicionais e regionais,

pois o pensamento liberal alterou o comportamento das pessoas, tanto das elites quanto das classes populares, bem como os veículos de comunicação com as noções de liberdade de imprensa. E é neste sentido que a doutrina higienista é estabelecida, objetivando melhorias na qualidade de vida da população. Percebe-se que em Goiás, esses pensamentos higienistas já eram observados nas discussões sobre criação de cemitérios e hospitais, melhorias das escolas, diminuição da quantidade de pessoas aglomeradas nos centros urbanos, atenção sobre a alimentação e higiene das pessoas e a imprensa passa a exercer um papel de circulação de conhecimento:

Figura 9 - Salubridade Pública no Correio Official

**NOTICIARIO.**

**Estudos relativos á salubridade publica.**

S. Ex. expedio hontem o seguinte officio que julgamos interessante e digno de ser lido.

Palacio do governo de Goyaz, 9 de Fevereiro de 1866.

Não sendo licito a um medico distincto como V. S. transitar por esta parte do imperio sem deixar consignado o seu nome em algum documento publico que recorde aos vindouros sua passagem, e estando eu certo de que V. S. deseja e muito apreciará que esta presidencia proporcione lhe em sejo de pagar o tributo que deve á esta provincia pela hospitalidade com que hu sido tratado, dirijo-me á V. S. no intuito de encarregar o de fazer uma exposição de todos os phenomenos que tiver observado nesta mesma provincia relativamente á salubridade publica, bem como dos que ainda observar em outros lugares por onde tenha de passar no seu regresso para corte.

Em todos os paizes cultos procura-se com esmero e zelo colher a maior copia de dados estatísticos concernentes á hygiene e aos outros diversos assumptos de importancia e respeito dos quaes a administração tem que exercitar, porque a razão, e não só ella como a experiencia, ha demonstrado com evidencia que sem esses dados nenhum problema social pôde ser com acerto e segurança resolvido.

Infelizmente, porem, nesta provincia, assim como nas demais, não se tem colligido esses elementos essenciaes á elucidação das questões que interessam á sua conservação e progresso, sendo esta a razão porque não mando pôr á disposição da V. S. trabalho algum attinente ao objecto de que tem de occupar-se.

Já vê, por tanto, V. S. que tem somente de guiar-se pelos principios bebidos na sciencia em que foi brilhantemente laureado, fazendo d'elles applicação aos phenomenos que tem observado e pode ainda estudar em sua rapida passagem por esta provincia, e procurando á luz desses principios aquilatar o valor de taes phenomenos, e afinal suggerir ao governo os meios convenientes para neutralisar ou simplesmente attenuar as más condições hygienicas dos centros populosos da provincia e dar expansão ás favoraveis.

Não especifico os pontos principaes sobre que V. S. deve emitir seu juizo: melhor do que eu sabe V. S. quaes elles sejam.

Meu desejo é que V. S., dando á sua exposição o desenvolvimento que julgar conveniente, enuncie-se com a franqueza e lucidez que caracterisam os verdadeiros apostolos da sciencia e arte que V. S. professa.

Para não dissimular o meu pensamento e bem comprehender V. S. o alcance das vistas desta presidencia incumbido o de semelhante tarefa, devo, todavia, declarar á V. S. que as ultimas palavras do escripto que vai elaborar devem referir-se á conveniencia de ser conservada aqui ou transferida para outro ponto a capital da provincia.

Aguardando o trabalho de V. S., que me será enviado até o fim de Abril, apresento desde já á V. S. meus protestos de perfeita estima e consideração.

Deos guarde a V. S. — Augusto Ferreira França. — Sr. Dr. Antonio de Jesus e Souza.

O presente noticiário traz informações importantes acerca das condições sanitárias da Província, bem como as preocupações pertinentes para a época. O artigo é datado de 9 de fevereiro de 1866, época em que a economia de Goiás baseada no cultivo de gêneros agrícolas, nas plantações de arroz, feijão, milho e cana de açúcar e também na pecuária, sendo a responsável pela maior parcela da receita, pois, de acordo com Martins (1983), a pecuária não necessitava de meios de transporte extras, pois por si só já era suficiente nesse aspecto e a mão de obra extensa não era necessária. O isolamento geográfico levava Goiás ao patamar de baixa produtividade agrícola, ausência de indústrias, baixo comércio e precariedade das vias de comunicação e carência de viação.

Assim, a veiculação desse conteúdo pelos periódicos pois, como já exposto anteriormente, os jornais passaram a exercer um papel político-educativo para a sociedade, trazem a reflexão de pontos importantes a serem considerados pelo contexto econômico e de saúde pública. A estadia do Sr. Dr. Antonio de Jesus e Souza na província rendeu críticas à província de Goiás e requereu ao presidente Augusto Ferreira França encaminhamentos do que haveria de ser feito. No trecho exposto, Souza afirma sobre a excelência do que ele chama de “paizes cultos” as condições de “hygiene e outros diversos assumptos de importância a respeito dos quaes a administração tem que exercitar”, pois de acordo com ele, se tais problemas não forem resolvidos, o progresso social jamais estará presente nesta sociedade.

A forte influência do cientificismo é percebida em “somente de guiar-se pelos princípios bebidos na sciencia em que foi brilhantemente laureado, fazendo deles aplicação aos fenômenos que tem observado”, sugerindo a aplicação do conhecimento científico nas ações diretas para o cotidiano e bem-estar da província.

Após a publicação do noticiário do médico Dr. Souza, o presidente Augusto Ferreira França também publicou no periódico *Correio Official* as seguintes medidas:

Figura 10 - Resposta do presidente da Província (Augusto Ferreira França) ao Noticiário de Salubridade Pública no Correio Oficial

**Melhoramentos materiaes.**

Por mais complicados que hajam sido os trabalhos d'administração concernentes á guerra, a presidencia não se tem esquecido, no meio d'elles, dos melhoramentos materiaes da provincia.

O deposito de artigos bellicos, que estava quasi arruinado, foi mandado reconstruir por S. Ex.<sup>a</sup>, que não trepidou abrir para este fim um credito sob sua responsabilidade, e brevemente ficará prompto, tornando-se um edificio muito elegante.

A estrada do *Presidente* está recebendo os concertos de que necessita, tendo-se já começado os da ponte sobre o rio *Bacalhão* na mesma estrada e devendo-se quanto antes effectuar o nivelamento do largo do chefesiz, no qual terá lugar a plantação de arvores, conforme uma planta que foi levantada por ordem de S. Ex.<sup>a</sup>, do que resultará ficar o lugar mais pitoresco da cidade, proporcionando ás familias agradaveis passeios ás tardes e em noites de luar.

A casa d'assembléa tem de ser melhorada e convenientemente asseada, de accordo com a ordem que acaba de ser expedida pela presidencia.

Os dous caes á margem do rio *Vermelho* vão ser arrombados, alargando-se um d'elles e plantando-se arvores em ambos, segundo a planta que tambem já foi levantada.

Está se providenciando para concluir se brevemente a casa destinada á escola primaria do sexo masculino na cidade de *Bonfim*.

Por ordem da presidencia fez-se um orçamento e planta de uma ponte que se projecta sobre o rio *Vaicem* no municipio de *Catalão*.

A cadeia da capital tem tido consideraveis melhoramentos, fazendo-se n'ella as obras que a segurança e hygiene reclamavam.

Sabe-se que S. Ex.<sup>a</sup> está no firme proposito de mandar effectuar as obras de que necessita a grande ponte sobre o rio das *Almas* no municipio de *Jaraguá*.

Pretende S. Ex.<sup>a</sup>, antes de dar ordem para ellas, examinar pessoalmente a ponte.

Alem das obras apontadas, outras se tem feito de menor alcance, que deixamos de mencionar.

Duas questões ha que, no dominio dos interesses materiaes, importam essencialmente a esta provincia: são a navegação do *Araguaya* e o aperfeiçoamento da estrada para o *Cozim*.

S. Ex.<sup>a</sup> occupa-se d'estes assumptos seriamente e trata de colher informações para dar impulso vigoroso a taes melhoramentos.

Ha pouco foi examinar os presidios de *Leopoldina* e de *Jurupensen* o engenheiro dr. Lobo, bem como a estrada que d'esta capital dirige-se para elles: brevemente estará prompta sua exposição.

O engenheiro dr. Jardim já estudou a estrada do *Cozim* e trata de off-recer sem demora á consideração da presidencia um minucioso e circunstanciado relatório.

Abaixo publicamos o officio que em 1.<sup>o</sup> de Dezembro ultimo S. Ex.<sup>a</sup> endereçou a cada um dos mencionados engenheiros, para que o leitor por elle melhor possa avaliar quaes são as intenções que animam a administração da provincia relativamente ás obras publicas.

2.<sup>o</sup> Secção. Palacio do governo de Goyaz, 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1866. O governo imperial não se olvidando dos grandes interesses materiaes do imperio, no meio do afanoso trabalho imposto pela guerra, expedio em Setembro ultimo, por intermedio do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, um aviso circular ás presidencias, exigindo diversas e interessantes informações relativamente ás estradas, rios e canaes das provincias.

Remettedo-o por copia a Vm., encarrego-o de preparar um (relatório) minucioso quanto for possível, no qual se ocupe dos diversos pontos a que elle se refere, afim de que sirva de base á esta presidencia para ministrar pela sua parte os esclarecimentos necessarios áquelle ministerio.

Incumbindo n'esta data igual tarefa ao 1.<sup>o</sup> tenente de engenheiros Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, deixo ao arbitrio de um e outro collaborarem em commissoão, ou preparar cada um seu trabalho separadamente, conforme julgarem mais commodo e proficuo.

A simples leitura do aviso faz conhecer a grande dificuldade, senão impossibilidade, de colher todos os dados exigidos; muitos, porém, pô-lem ser por Vm. colligidos, lendo os differentes relatórios presidenciaes, examinando as informações concernentes á materia, que ham sido em diversos tempos por escripto obtidas, e em fim compulsando todos os documentos de importancia existentes nos archivos publicos.

Alem d'isso, aproveitando-se das observações e dos estudos que têm feito pessoalmente e pôde ainda fazer, informando-se das pessoas competentes e recorrendo ás obras de alguns escriptores que se tem occupado da topographia da provincia, não lhe será muito difficil reunir grande copia de materiaes para organização do seu trabalho, tornando-o de interesse e importancia.

A magna questão da navegação do *Araguaya* depende de solução, que deve ser cuidadosa, intelligente e praticamente dada; e igualmente está nas intenções dos governos geral e provincial realizar a abertura

Para estes dous objectos por tanto chama mais particularmente as suas indagações, recommendando-lhe que a seu respeito ajunte todos os elementos que estão esparsos, para que reunidos derramem a luz de que ha mister a administração para obrar com efficacia, de modo que a provincia autilize vantagens reaes das medidas que forem postas em pratica.

Indicando-lhe as fontes a que pôde recorrer para apanhar os dados necessarios, declaro-lhe que mandarei pôr a sua disposição todos os papeis cuja leitura queira fazer, e franquear lhe os archivos publicos, sempre que assim me for sollicitado.

A exigencia que faço é muito seria; pois nutro mui sinceros desejos não só de habilitar o Governo Imperial a tomar sabias deliberações em beneficio d'esta provincia, mas ainda de por mim mesmo dotal-a com aquelles melhoramentos que me for possível realizar desenvolvendo boa vontade e energia, a pesar dos escassos meios pecuniarios a meu alcance. — Augusto Ferreira França

Atta. — João Cayano de voluntaria

Atta. S. e c. da

Fonte: Correio Official de Goiás, 1866, edição 116, p. 4-5. Hemeroteca Digital Brasileira

A resposta começa com a contextualização do momento vivido pelo Império com a desculpa pela guerra vivida (do Paraguai entre os anos de 1864-1870) mas sem se esquecer dos melhoramentos necessários para a Província. Ele destaca e elenca as várias melhorias das condições da Província, tais como depósito de artigos bélicos, estradas, pontes e, ao que interessa aqui, a plantação de árvores no largo do chafariz para ser um lugar “pitoresco da cidade, proporcionando as famílias agradáveis passeios às tardes e em noites de luar”; é dito também sobre a “Casa d’Assembléa” em relação ao seu asseio, a atenção especial para a margem do Rio Vermelho com plantação de árvores; compra da imóveis para escola; melhorias nas condições de higiene na cadeia da capital. Por fim, o presidente rebate “além das obras apontadas, outras se tem feito de menor alcance, que deixamos de mencionar”. Mais a frente, é exposto sobre as navegações dos grandes rios e, novamente sobre as obras públicas, é dito sobre a importância da opinião pública “abaixo publicamos o officio que em 1º de Dezembro ultimo S. Ex<sup>a</sup> endereçou a cada um dos mencionados engenheiros, para que o leitor por ele melhor possa avaliar quaes sam as intenções que anima a administração da província relativamente as obras públicas”. No último parágrafo de resposta do presidente da Província, é explicitado sobre as dificuldades financeiras da província diante o Império.

Em outro periódico, no ano de 1883, *O Publicador Goyano* destina em suas páginas uma seção denominada de “Secção Scientífica”. Ao analisar algumas destas seções, imagina-se que o redator/escritor objetivava traduzir o conhecimento científico para pessoas comuns, um público leigo. Era uma maneira dos detentores do conhecimento provarem para os leigos a legitimidade do conhecimento científico aplicando-o no dia a dia da Província:

**Figura 11 - Secção Scientífica do periódico O Publicador Goyano em 1883**

<b>Secção scientifica.</b>	
<b>Hygiene conselheira.</b>	
<p><i>Das leis fundamentais do organismo humano.</i></p> <p>Os animaes, assim como o homem, estudados debaixo do ponto de vista anatomo-physiologico se nos apresentam como um reunião de orgãos, desempenhando cada um destes uma função especial.</p> <p>Todas estas funções são regidas e governadas por um poder central.</p> <p>O homem é uma machina admiravel, que se qualifica de vital.</p> <p>Os mais aperfeiçoados machinismos, inventados pela intelligencia humana, nada são em comparação com a machina vital, porque aquellas são regidas por um motor physico, que pode ser a electricidade, o calor etc, enquanto que esta encontra em si mesma a causa de seus actos.</p> <p>Quem estudar a embryologia humana ha de ficar admirado diante dos prodigiosos e interessantes da fecundação.</p> <p>Antes da fecundação não existe no utero da mulher ovulos transparentes, cheios de granulações.</p> <p>Mas, depois da fecundação pelos espermatozoides, o ovulo desenvolve, as suas cellulas multiplicam-se, e apparece no seu sulco, indicio da columna tebral.</p> <p>Dos dois lados da columna nascem duas telas membranas d'ellas irá formar os intestinos, e outra a pelle.</p> <p>Entre estas duas membranas desenvolvem-se todos os orgãos da vida organica e de relação.</p> <p>O fectus humano, quando tem 3 mezes de vida intra-uterina, apresenta analogia perfeita com o dos outros animaes. Dahi em diante as diferenças se apresentam e o fectus já offerece semelhança mais ou menos perfeita com o homem.</p> <p>Nove mezes depois, o infante, que só tinha tirado a sua nutrição dos</p>	<p>alimentos elaborados no organismo de sua progenitora, é lançado no exterior; então elle começa a viver n'um meio inteiramente novo, tirando os seus alimentos do ar e do leite.</p> <p>A função primordial de todo ser vivo é a nutrição, que consiste na assimilação e eliminação dos alimentos, commum aos vegetaes e animaes.</p> <p>Nós vemos os vegetaes nutrirem-se pelas raizes, e receberem nas folhas o ar atmospherico por meio das stomatas, que são pequenos orificios situados no dorso das folhas.</p> <p>Nós vemos, nos animaes, que os alimentos são introduzidos na bocca e que depois de terem sido sujeitos á acções de certos liquidos digestivos são absorvidos; os residuos, já gastos e carbonisados, são eliminados.</p> <p>Mas, porque maravilhoso processo os orgãos conseguem a assimilação de tantas materias heterogeneas?</p> <p>Como as folhas dos vegetaes podem decompor o acido carbonico, cousa que ainda não se pode conseguir com a pilha a mais poleirosa?</p> <p>Como no homem, o osso tem a propriedade de chamar para si os sais calcareos, o cerebro o phosphoro?</p> <p>Mysterio, o que a sciencia tem provado é que se passa nos seres vivos um movimento de assimilação e desassimilação e que o sangue é o vehiculo em que se passam estes phenomenos.</p> <p>O grande phenomeno da vida, a nutrição, resume em si só o mechanismo vital.</p> <p>Mas, para que a nutrição se faça, e o individuo viva e se desenvolva são necessarias algumas condições. Umam dependem do proprio organismo, outras são exteriores.</p> <p><i>Das condições dependentes do organismo.</i></p> <p>Todo ovulo, depois de fecundado, tem possibilidade de se desenvolver e viver. Entretanto, muitos infantes não tem vitalidade, morrem logo depois de nascidos. Isto é provado pelo grande numero de abortos e de recém-nascidos mortos.</p>
	<p>Diariamente ve-se infantes, que nascem debéis ou mortos, enquanto que outros nascem fortes, vigorosos, e resistem a acção do meio exterior.</p> <p>Nós nos deteremos neste ponto tratando da hereditariedade morbida.</p> <p>Todos os paes de familia devem saber que a lei da hereditariedade é constante e universal.</p> <p>Os pais transmittem aos seus filhos as suas disposições morbidas.</p> <p>Um individuo, no qual se manifesta uma disposição morbida hereditaria, está fora das condições normaes, pede uma hygiene especial, que differe extraordinariamente da que se applica ao homem de constituição sã.</p> <p>Então, a hygiene e a medecina ajudam-se reciprocamente.</p> <p>O papel da medecina é prevenir a molestia futura e detel-a em sua evolução.</p> <p>Contesta-se, com razão, a efficacia da medecina, nos casos em que a molestia, tendo percorrido todos os estados preparatorios, apresenta-se sob a sua forma ultima.</p> <p>Muitos homens illustres, entre os quaes está o grande economista Quetelet, declarão a medecina pratica impotente.</p> <p>Aos cées, nós respondemos com seguinte trecho do illustre anatomista Cruveilhier.</p> <p>Eu não creio que a medecina tenha recebido sua constituição definitiva e que ella offereça o mesmo grado de certeza que as sciencias exatas. Me parece certo tambem que desentendendo o grande facto da genes humana, ella cahiu em erros; mas não é menos certo que a despeito dos seus erros, que são uma das condições de progresso, porque implicão o movimento e a vida, me pareço diggo eu, que a sciencia marchou, que não está longe o dia em que a medecina, constituída sobre as verdadeiras leis da vida, saberá descrever o mal, prohibir sua evolução conjurar a explosão da molestia.</p> <p>As condições interiores da saude humana são variadas, nós apontamos as principaes:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1°. A absorpção d'um ar puro.</li> <li>2°. Uma alimentação reparadora.</li> <li>3°. Eliminação das substancias inuteis.</li> <li>4°. As condições de calor, de luz, movimento, exercicio, educação.</li> </ol> <p style="text-align: right;">M. F. A.</p> <p style="text-align: center;">(Continúa)</p>

Fonte: O Publicador Goyano, 4 Abr 1883, edição nº 6, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira

Na presente seção são elencadas as leis fundamentais do organismo humano. A continuação do trecho é exposta em uma edição posterior do jornal. Primeiramente,

diferente dos outros exemplos já explicitados neste trabalho, aqui há o uso de alguns termos mais científicos, como “anátomo-physiologico”, “embryologia”, “vida intra-uterina”, “stomatas”. O texto começa com o homem sendo a “machina” (máquina) mais inteligente e potente do universo, pois nenhuma invenção humana pode superar o corpo humano, pois este é a sua própria força. Depois são elencadas algumas questões sobre embriologia, fecundação, espermatozoides e nutrição, cabendo a esta o destaque de função primordial de todo ser vivo.

Ao falar da nutrição, é iniciado uma analogia com os vegetais, os quais a fazem através das raízes, recebendo o ar atmosférico pelas folhas; depois, é explicitado de forma simples o processo de alimentação e digestão do ser humano, mencionando sobre substâncias minerais essenciais a vida humana e que para o funcionamento do organismo, algumas condições dependem do próprio organismo e outras são exteriores. Este “exterior” ao que se refere é abordado no decorrer do texto quando é dito acerca da higienização.

Para provar a necessidade da boa higienização e da medicina, é exposto sobre as condições de abortos e natimortos. Ao dizer que a medicina é necessária para a prevenção das moléstias futuras e para a contenção das suas evoluções, a higiene funciona como um agente do presente para a saúde humana e, após, é elencado as principais como 1. Absorção de ar puro, 2. Alimentação, 3. Eliminação de substâncias inúteis, 4. Condições de calor, de luminosidade, movimento, exercício, educação. Na imagem abaixo tem-se a continuação do artigo:

Figura 12 - Continuação da Secção Científica do periódico O Publicador Goyano em 1883

<p style="text-align: center;"><b>Hygiene Conservadora.</b></p> <p style="text-align: center;">(Continuação)</p> <p><i>Das leis fundamentais do organismo</i></p> <p>Examinando as condições se- reabsorção d'um ar vivificante. O ar atmosferico, que envolve planeta humano n'uma camada de 16 leguas de espessura, era con- siderado na antiguidade como corpo simples.</p> <p>Pensava-se que a introdução do ar nos pulmões era para resfriar simplesmente o sangue.</p> <p>Hoje que a sciencia demonstrou que o ar é uma mistura de diffe- rentes gazes, (21 partes de oxy-geno para 79 de azoto e uma pequena quantidade de acido carbonico) vê-se que a introdução do ar nos pul- mões não tem simplesmente esta função mecanica, estabelecida pela sciencia antiga e sim uma função alternativamente chimica e meca- nica.</p> <p>Hoje sabe-se que esta função do ar nos pulmões consiste em trans- formar o sangue venoso ou negro em sangue vermelho ou arterial.</p> <p>O ar penetrando nos pulmões abandona uma parte do seu oxygeno ao sangue e este oxygeno combi- na-se com o carbono do sangue, de sorte que sabe dos pulmões, á cada expiração, uma certa quantidade de acido carbonico.</p> <p>A falta de oxygeno no ar acar- reta a suspensão do acto respi- ratorio, e o individuo morre as- phyxiado.</p> <p>Em que condições o ar é vivifi- cante?</p> <p>O ar, para ser vivificante, é pre- ciso que contenha oxygeno, mas oimento a quantidade sufficiente para a transformação do sangue,</p> <p>E' indispensavel tambem que o ar que nós respiramos seja puro e não contenha nenhuma substancia volatil, que seja nociva ao nosso organismo.</p> <p>Pelo que acabamos de dizer con- clue-se que o ar mais favoravel a nossa saude é o ar puro e incessan- mente renovado.</p> <p>O ar das montanhas, que é reno- vado incessantemente pelas corren- tes atmosfericas, é o mais favora- vel a saude humana.</p>	<p>J. J. Rousseau dizia n'este sen- tido o seguinte com toda razão: Je suis surpris que des bairns d'air salu- taire et bienfaisant des montagnes ne soient pas un des grands remedes de la medicine et de la morale.</p> <p>A respiração d'um ar puro pode supprir os vícios da alimentação e o exemplo está nos nossos monta- nhezes.</p> <p>O ar atmosferico é muitas vezes viciado por agentes infectuosos ou miasmas, e é isto devido em grande parte aos pantanos e terras virgens.</p> <p>Os miasmas provêm da decompo- sição de detritos vegetaes e ani- maes sob influencia do calor solar e da humidade.</p> <p>Os miasmas palustres são uma causa poderosa de degradação phy- sica e moral dos habitantes de certos pontos do nosso imperio.</p> <p>Pode-se zombar impunemente do typhus e da peste e de tantos ou- tros males que alligem a humani- dade, mas nunca da febre palustre, porque os effeitos que ella produz no organismo humano são terriveis.</p> <p>Para dar uma ideia dos individuos cacheticos, em consequencia de febres palustres, serviremo-nos das palavras de um habil medico:</p> <p>«Elles appresentão um rosto pu- lido e livido, olhar abatido, palpo- bras inchadas, rugas numerosas, pescoço alongado, voz fraca, andar lento, e apparelho pulmonal ex- tragado.</p> <p>«O paiz, que elles habitão, é um tumulo sobre o qual arrastão tris- tamente sua curta e desgraçada vida.»</p> <p>Com effeito, os individuos enve- nenados pelos miasmas palustres cahem n'uma apathia invencivel.</p> <p>E' doloroso ver-se meninos, ho- mens, mulheres estragados para o resto da vida, n'um estado apathico, do qual nenhum tonico por mais poderoso que seja, pode retirar-lo.</p> <p>Eis quaes são as fristes conse- quencias do envenenamento mias- matico, mil vezes mais terrivel do que todas as epidemias que são o horror do genero humano.</p> <p>Seguindo-se as prescripções que a hygiene ajudada pela pathologia nos fornece, poderia-se minorar os effeitos do envenenamento palustre.</p> <p>As precauções á tomar-se fundão-se sob as causas que favorecem ou attenuão o desenvolvimento dos mi- asmas.</p>	<p>Muitas vezes tudo depende da audacia e da energia dos habitantes.</p> <p>Temos o exemplo na Hollanda, que era antigamente um paiz muito pantansoso e quasi inhabitavel.</p> <p>Hoje, graças ao trabalho perse- verante e intelligente dos Hollande- zes, tudo mudou, e a Hollanda occupa a 1.ª filleira entre os paizes indus- triacs.</p> <p>As precauções hygienicas devem ser seguidas por todas as pessoas que são obrigadas a viver em paizes pantansosos. Hoje está provado que os miasmas não tem a mesma in- fluencia nociva permanente. Ao meio dia os miasmas se elevão para a parte superior da atmosphera e portanto a sua influencia é quasi nulla, mas á tarde e á noite elles abaixão-se para a terra e podem ser absorvidos.</p> <p style="text-align: right;">M. F. A.</p>
--	---	--

Fonte: O Publicador Goyano, 11 Abr 1883, edição nº 8, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira

Após uma longa exposição histórica-científica do que se pensava que era o ar que o ser humano respirava, como simplesmente um mecanismo para resfriamento do sangue. Neste trecho também consta explicações de cunho científico, tais como a composição do Oxigênio, o processo respiratório sendo uma função química (dito ainda sobre a transformação do sangue venoso em sangue arterial) e não uma mera ação mecânica do organismo. Assim, sobre as boas condições de vida, é afirmado a necessidade de um “ar puro e incessantemente renovado”, como o ar das montanhas. Após essa comparação é explicitado sobre os males da febre palustre (malária). Nesta época, ainda não se sabia que o responsável pela transmissão da doença era um mosquito, então a causa era dada pelos pântanos.

Ao se pensar sobre questões científicas para a época é interessante observar a forma como os jornais conseguiam inserir o contexto de ciência em suas páginas. Essa forma de publicação, em uma seção periódica exclusiva para o assunto científico, traz a reflexão acerca da importância que se dava para esse tipo de conhecimento e o esforço para que a sociedade se interessasse pelo cunho científico, levando a abordagem de uma forma na qual tivesse aplicabilidade no cotidiano de quem tinha acesso a esse conteúdo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, é primordial que seja feito o resgate do objetivo proposto por este trabalho, no qual buscou-se no campo teórico-metodológico os elementos que retomassem os registros, narrativas e historicidades dos jornais goianos no século XIX a partir da ciência. Para tal, esta pesquisa foi construída através de três olhares: 1. O Positivismo e suas implicações e percepções nos jornais goianos oitocentistas; 2.) As bibliotecas, a instrução pública e a sua função emancipadora e 3. A temática da saúde e a ciência nos respectivos jornais.

Esse recorte demandou algumas adversidades, sobretudo no campo metodológico, isto porque, o acesso a jornais tão longevos necessita de uma análise minuciosa do conteúdo investigado. O tema aqui proposto não permite uma pesquisa superficial ou que já tenha extensos estudos de outros pesquisadores em áreas distintas para se ter um norteamento ou embasamento. É um tema com um certo ineditismo, o qual requer o debruçamento em um material bruto (os jornais) contrapondo a análise com os momentos histórico-social-político-humano da sociedade oitocentista goiana.

A escolha do recorte temporal sendo o século XIX ocorreu por acreditar ser valoroso esse período de efervescência filosófica e científica para o desenvolvimento da ciência. O Brasil é o resultado de diversos processos, dos quais alguns foram vivenciados nos anos oitocentistas. Nesse período houve mudança na forma de governo, a chegada da imprensa, a abolição da escravatura e tantas outras que se dirigem para mudanças de pensamento. Os jornais, sendo espaços de contato direto com o público, com a circulação de ideias e como lugares de memórias, constituem um dos tripés deste trabalho, pois ao analisá-los percebe-se as mudanças de escrita, as preocupações com estética, os assuntos abordados e a introdução de temas científicos sendo expostos como uma forma de popularizar uma ciência que, até então era um monopólio da elite, mas que pelas páginas dos periódicos percebe-se a tentativa de aplicá-la no cotidiano das pessoas.

Na análise do capítulo 1, denominado como “Jornalismo, História e Memória em Goiás” foi realizada, primariamente, a partir de Halbwachs (1990) com as noções de memória coletiva e individual, nas quais se afirma que as memórias permanecem coletivas e que são lembradas por outros, mesmo que se trate de eventos nos quais os sujeitos históricos não participem diretamente. Acerca da investigação sobre a

ciência nos jornais goianos oitocentistas e da própria história do jornalismo, ao final deste estudo, apresenta-se algumas considerações: a) O jornalismo interpreta e analisa a história a partir de quem o escreve e para quem o lê; b) o jornalismo além de registrar, constrói e é um espaço de guardar memória; c) o positivismo influenciou diretamente na construção das narrativas dos jornais goianos do século XIX; d) tais narrativas consubstanciam-se em espaços de formação da opinião pública no território goiano oitocentista.

Ademais, a partir do conjunto de jornais analisados, constatou-se que a sua importância se dava além da redação, pois havia também a participação da sociedade em suas páginas, principalmente por meio das cartas enviadas. Em outros momentos, foram percebidas retratações pelo editor em referência a algum erro de artigos passados, pressupondo que existia um retorno do que era escrito perante os seus leitores. A importância dos jornais nas cidades goianas do século XIX é tamanha que Bretas (1991) registrou relatos de que as leituras públicas dos impressos faziam com que as pessoas se amontoassem em espaços coletivos, sendo que muitas vezes os periódicos passavam de mão em mão até se desmancharem.

Por outro lado, pode-se observar que a memória está interseccionada com a história. Desta forma, ao construir a análise da ciência positivista trazendo a independência dos dogmas do pensamento religioso e valorizando o pensamento evolucionista, constatou-se que essas influências tiveram impacto imediato nos jornais goianos, tal como com uma escrita incisiva, o teor de convencimento em seus textos e de valorização da educação e do progresso. Como exemplo, tem-se a carta da leitora *A Apaixonada* (1830) enviada ao jornal *A Matutina Meiapontense*, na qual ela faz menção sobre a carta escrita por *Rosseira Zellosa* (1830) ao mesmo impresso, ao dizer que esta foi censurada após emitir sua opinião para assuntos diversos e relevantes no período, além das percepções de gênero, já que ambas as leitoras-redatoras contestam o espaço e os direitos das mulheres na sociedade.

No capítulo 2, “Bibliotecas e Instrução Pública: o berço do conhecimento na Província”, pode-se compreender a forma como as bibliotecas, com seus movimentos de discussões literárias, reuniões e organizações, fizeram parte não só do processo educacional nos anos oitocentistas do território goiano, como também consolidaram processos políticos que desembocaram no conhecimento científico em diversos aspectos. O vívido *Gabinete Literário Goiano* promoveu à sociedade vilaboense do século XIX a difusão do conhecimento científico, fato este percebido pelo teor dos

seus adquiridos, pela seriedade como era seu funcionamento e pela emancipação cultural-literária que pode carregar, de modo que não é possível falar sobre ciência em Goiás no século XIX sem citar o *Gabinete Literário Goiano*, pois as duas coisas estão intrinsecamente relacionadas à construção histórica do próprio Estado goiano.

Durante os seus anos áureos, o *Gabinete Literário Goiano*, além de ser um dos principais agentes para a difusão científica, através dos seus livros e das discussões literárias ocorreu a ascensão de mulheres nos campos científicos e culturais e, conseqüentemente, na sociedade vilaboense, já que essas também se faziam presentes no *Club Literário*. Movimentos abolicionistas também merecem destaques, pois a partir das reuniões organizadas para essas discussões políticas, o *Gabinete Literário Goiano* chegou a promover noites culturais abolicionistas no Teatro São Joaquim, localizado na Cidade de Goiás, com vistas a angariar fundos para comprar cartas de alforria de pessoas escravizadas.

No capítulo 3, “Saúde e Ciência nos Jornais Goianos Oitocentistas” o leque de abordagem neste assunto pelas páginas do periódico é grande, sobretudo mais ao final do século XIX. O esforço da elite pelas mudanças dos hábitos de higiene e, alinhados aos ideais positivistas e progressistas, fazia com os impressos propagassem muitas denúncias e reclamações reforçadoras desses paradigmas, tal como a carta da *Rosseira Zellosa* que foi publicada no jornal *A Matutina Meiapontense* no ano de 1830. A introdução do cientificismo é percebida também no sentido de popularizar a ciência, colocando-a com aplicabilidade no dia a dia das pessoas. Como exemplo, tem-se a movimentação em torno do Hospital São Pedro de Alcântara e da necessidade em se construir um Cemitério Público na capital da Província.

As análises dos periódicos goianos oitocentistas a partir do olhar angulado para a ciência possibilita perceber a riqueza histórica e cultural presente nessas páginas e afirmar que é possível (re)escrever a história de uma sociedade a partir dos vários discursos e narrativas disponíveis. A busca pelo surgimento da ciência nesses lugares nos trouxe mais que o saber sobre o conhecimento científico, pois também emanou modos de vida de uma sociedade e criou proximidades tanto pelo que ficou registrado, quanto pelo contexto conjuntural inserido.

## REFERÊNCIAS

- A APAIXONADA. Correspondência. In: **A Matutina Meiapontense**, Meia Ponte, nº 115, 23 dez., p. 3-4, 1830.
- ABREU, Sandra Elaine Aires. **A instrução primária na Província de Goiás no século XIX**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ARTIGO. In: **A Matutina Meiapontense**, n. 35, 19 jun. 1830, p. 3-4
- BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa?. In: Encontro Nacional Da Rede Alfredo De Carvalho, II., 2004, Niterói. **Anais eletrônicos...** Niterói: 2004. p. 1-11.
- BASTOS, Líliliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. Delta, 31-especial, 2015 (97-126)
- BORGES, Rogério. **O nascimento de Goiás**. Goiânia: Jornal O Popular, 2020. E-book. Matéria originalmente publicada na edição do jornal O POPULAR entre os dias 21 de março e 11 de abril de 2020.
- BORGES, Rosana Maria Ribeiro; BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. Diálogos do “sexo débil”: significações das cartas de mulheres no jornal A Matutina Meiapontense (1830-1834). **Galáxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), São Paulo, nº 44, p. 173-187, mai-ago. 2020.
- BORGES, Rosana Maria Ribeiro; BARBOSA, Marialva Carlos. **História Cultural da Imprensa Goiana no Século XIX**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. [no prelo]
- BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira. História da Imprensa Goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. Dossiê 200 anos da Imprensa no Brasil: **Revista UFG**, Goiânia, Ano X, nº 5, p. 68-87, dez. 2008.
- Brandelli CLC, Lima FG. Plantas medicinais: Histórico e Conceitos. In: Monteiro SC, Brandelli CLC. **Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação**. Porto Alegre: Artmed. 2017; p.1- 13.
- BRETAS, Genesco Ferreira. **História da instrução pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.
- CARTONI, Daniela Maria. Ciência e Conhecimento Científico. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**. Valinhos, vol. III, nº 5, p. 9-34, 2009.
- CASTANHA, André. O Ato adicional de 1834 na história da educação brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, nº 11, p. 169-195, jan-jun. 2006.

COLUSSI, Eliane Lucia. A maçonaria brasileira e a defesa do ensino laico (século XIX). **Hist. Ensino**, Londrina, v.6, p. 47-56, out. 2000.

CONSELHO. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 378, 20 out. 1832, p. 2

CORDEIRO, Cecília Siqueira. Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVIII., 2015, Florianópolis. Anais...* Florianópolis: 2015. p. 1-15.

CORRESPONDENCIA. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 10, 6 abr. 1830, p. 4

CORRESPONDENCIA. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 27, 1 jun. 1830, p. 3

CORRESPONDENCIA. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 40, 01 jul. 1830, p. 4

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre a história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DISCURSO. CORRESPONDENCIA. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 386, 17 nov. 1832, p. 4

DISCURSO. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 19, 7 maio. 1830, p. 3

FAUSTINO, Rosângela Célia; GASPARIN, João Luiz. A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. **Acta Scientiarum**, Maringá, 23(1), p. 157-166, 2001.

FOLIA. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 275, 31 dez. 1831, p. 4

FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia; FARIAS, Samanta Hasegawa; FONTELLES, Renata Garcia Simões. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, Pará, jul.-set. 2009.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, set/dez 2004.

GABINETE. *In: Correio Oficial de Goyaz*, ed. 120, 14 mar. 1866, p. 4

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

INSPECTOR. *In: Correio Oficial de Goyaz*, ed. 456, 01 fev. 1873, p. 4

MAGALHÃES, S. M. de. Dr. Antônio Francisco de Azeredo: um médico do sertão no Brasil oitocentista. **Revista Opsiis**, Catalão, v. 17, n. 1, p. 4-19, jan./jun. 2017.

MAGALHÃES, S. M. de. Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. 11(3): 661-83, set.-dez. 2004-a

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. 2004. 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2004-b

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. **AEDOS**, Porto Alegre, nº 12, v. 5, p.42-63, jan-jul 2013.

MEDINA, C. Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEYAPONTE. In: **A Matutina Meiapontense**, n. 18, 4 maio. 1830, p. 3

MEYAPONTE. In: **A Matutina Meiapontense**, n. 333, 16 maio. 1833, p. 3-4

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**. São Leopoldo, v. 4, nº 7, p. 28-36, jan-jun 2016

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. **As Estratégias de Purificação dos Espaços na Capital da Província de Goiás 1835-1843**. Goiânia: ICHL/UFG, 1995 (Dissertação, Mestrado em História).

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentido: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, ed. 2, p. 31-51, jul/dez 2004.

O BRASIL. In: **A Matutina Meiapontense**. nº 333, 16 maio. 1832, p. 2.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. A epidemia de varíola e o medo da vacina em Goiás. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.3, jul.-set. 2003, p.939-962.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos De. A relação entre a História e a Imprensa, breve História da Imprensa e as origens da Imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 125-142, 2011.

POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionei-H; LAPERRIERE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997. 316 p.

PRESIDENTE. In: **A Matutina Meiapontense**, n. 33, 15 jun. 1830, p. 2

PROSPECTO. In: **A Matutina Meiapontense**, n. 315, 3 abr. 1832, p. 3.

RABELO, Danilo. **Os Excessos do Corpo: a normatização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889**, Goiânia: FFCH/UFG, 1997 (Dissertação, mestrado em História).

RELATORIO. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 356, 04 ago. 1832, p. 1

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

Sant'Anna, T. F. (1). Os abolicionismos na cidade de Goiás: pluralidades e singularidades nos anos 1880. **Élisée - Revista De Geografia Da UEG**, 2(2), 108-129.

SILVA, Deuzair José. **A (re)invenção do fim: lugares, ritos e secularização da morte em Goiás no século XIX**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Goiânia. 298 f.

TELES, José Mendonça. **A Imprensa Matutina**. Goiânia: CERNE, 1989.

VARIÉDADES. *In: A Matutina Meiapontense*, n. 505, 08 jan. 1834, p. 4

ZELLOSA, R. Correspondencia. *In: A Matutina Meiapontense*, Meia Ponte, nº 98, 13 nov., p. 3-4, 1830.